UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

MESTRADO EM GERONTOLOGIA

BEM-ESTAR PSICOLÓGICO E INTELIGÊNCIA EMOCIONAL

ENTRE HOMENS E MULHERES NA MEIA IDADE E VELHICE

Nelma Caires Queroz

Orientadora: Dr.ª Anita Liberalesso Neri

2003

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

BEM-ESTAR PSICOLÓGICO E INTELIGÊNCIA EMOCIONAL

ENTRE HOMENS E MULHERES NA MEIA IDADE E VELHICE

Autor: Nelma Caires Queroz

Orientadora: Profª. Dr.ª Anita Liberalesso Neri

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação defendida por Nelma Caires Queroz e aprovada pela Comissão Julgadora.

Data: ...../...../.....

Assinatura:.....
Orientador

COMISSÃO JULGADORA

_____

_____

_____

2003

Sumário

Introdução.....01

Bem-estar Psicológico.....03

Inteligência Emocional.....10

Objetivos.....21

Método.....22

Sujeitos.....22

Ambiente.....24

Instrumentos.....24

Procedimento.....27

Resultados.....29

Resumo dos Resultados.....41

Discussão 43

Considerações Finais.....54

Referências Bibliográficas.....56

Anexos.....64

Listas de Tabelas

Tabela 1: Distribuição das correlações entre as dimensões das duas escalas (EDEP e MIE).

Tabela 2: Estrutura fatorial da Escala de Desenvolvimento Pessoal (EDEP) nos grupos de meia idade e de idosos.

Listas de Figuras

Figura 1 – Distribuição dos sujeitos nas variáveis trabalho e aposentadoria, segundo os critério de gênero e de idade.

Figura 2 – Distribuição dos escores totais obtidos pelos grupos de idade e gênero na Medida de Inteligência Emocional (MIE).

Figura 3 – Distribuição dos escores obtidos pelos grupos de idade e gênero na Medida de Inteligência Emocional (MIE).

Figura 4 – Distribuição dos escores obtidos pelos grupos de idade e gênero na Medida de Inteligência Emocional (MIE), na dimensão Autoconsciência.

Figura 5 – Distribuição do escore total da Escala Desenvolvimento Pessoal (EDEP) por gênero e grupos de idade.

Figura 6 – Distribuição dos escores da dimensão Manter (EDEP) por grupo de idade e gênero.

Figura 7 – Correlação entre os escores totais obtidos pelos grupos na MIE e na EDEP.

Figura 8 – Distribuição dos escores do fator 5 entre os homens e as mulheres do grupo de meia-idade e do grupo de idosos.

Listas de Quadros

Quadro 1 – Dimensões dos construtos bem – estar psicológico e geratividade, na Escala de Desenvolvimento Pessoal (EDEP).

Quadro 2 – Dimensões fatoriais da Medida de Inteligência Emocional (MIE).

Quadro 3 – Definições relativas aos fatores encontrados para a Escala de Desenvolvimento Pessoal (EDEP).

Quadro 4 – Estrutura fatorial resultante da análise conjunta dos itens dos fatores da medida de Inteligência Emocional e da Escala de Desenvolvimento pessoal.

Lista de Anexos

Anexo I – Ficha Sócio – demográfica.

Anexo II – Escala de Desenvolvimento Pessoal

Anexo III – Medida de Inteligência Emocional

Agradecimentos

A Deus, pela capacidade e oportunidades concedida para fazer e refazer os meus caminhos.

Aos meus pais, José de Souza Queroz e Analinda Caires Queroz, pelo apoio e dedicação que sempre me ofertaram durante todos estes anos. Aos meus sobrinhos Lucas, Danilo, Pedro Henrique e João Victor pelos momentos maravilhosos que vivemos juntos. Aos irmãos Ângelo, Nerleide, Nailma, Noeli pelos incentivos para seguir em frente, em especial a Noeli pelo seu empenho em estar me ajudando a concretizar esta pesquisa.

À Universidade Estadual de Campinas pela oportunidade de fazer o curso de pós-graduação em Gerontologia.

A todos os funcionários da Faculdade de Educação que de maneira direta e indireta colaboraram para a realização desta pesquisa, em especial a Nadir Camacho, ao Ademilson Modesto de Camargo , a Ana Iris Martino dos Santos.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pela concessão da bolsa de estudo, que possibilitou a concretização desta pesquisa.

Aos docentes do Programa de Pós-graduação em Gerontologia, que contribuíram para o enriquecimento da minha formação profissional e pessoal.

À Prof.ª Dr.ª Márcia Regina Ferreira Brito e a Profª. Dr.ª Mirlene Maria Matias Siqueira pelas contribuições.

Aos participantes desta pesquisa, por que sua colaboração foi imprescindível para a realização da mesma.

Aos meus amigos do Programa de Pós-graduação em Gerontologia pela oportunidade de trocar experiências, em especial Stella Vidal de Souza Torres, Roosevelt Leão Junior, Cinara Sommerhalder, Meire Cachioni e Elisandra Vilela Gaspareto Sé pela convivência diária e oportunidade de estar aprendendo junto com vocês.

As amigas Mary Braga de Andrade, Sueli Palmen, Roseli Ceci Silva, Luciana Parente, Elis Regina Costa pela amizade e pelas nossas conversas e troca de experiências que me confortaram durante o percurso desta pesquisa.

À Helymar da Costa Machado pelo cuidadoso trabalho de tratamento estatístico.

Aos alunos do curso de graduação em Psicologia pela Universidade Federal de Uberlândia, Raphaela Areias da Silveira, Dorís Firmino Rabelo e Edmar Henrique Dairell Davi, pela colaboração no trabalho de coleta de dados.

Agradecimentos Especiais

À Prof.ª Dr.ª Anita Liberalesso Neri que possibilitou o meu crescimento profissional e científico, pelas maravilhosas orientações que sempre foram preenchidas com extrema competência e rigor metodológico, pela oportunidade diária de compartilhar seus conhecimentos, pelos momentos alegres e carinhosos que colaboraram para minha formação pessoal, transformando a experiência de ser pesquisadora, em uma experiência prazerosa.

À Prof.ª Dr.ª Sueli Aparecida Freire que desde a graduação me mostrou o melhor caminho, conduzindo-me a experiências profissionais e pessoais, que colaboraram substancialmente para minha formação na área da Psicologia e da Gerontologia.

À Prof.ª Ms. Marineia Crosara de Resende pela oportunidade de ser sua amiga, de caminharmos juntas, compartilhando experiências profissionais, pessoais, conhecimentos, momentos tristes e alegres e pelo seu incentivo sincero.

QUEROZ, N. C. *Inteligência Emocional e bem-estar Psicológico entre homens e mulheres na meia idade e velhice.* Dissertação de mestrado em Gerontologia, Faculdade de Educação da UNICAMP, Campinas, 2003.

RESUMO

Bem-estar psicológico é a percepção sobre o ajustamento pessoal em relação ao enfrentamento dos desafios existenciais na vida adulta e velhice (relacionamentos positivos, autonomia, propósito, crescimento pessoal, auto-aceitação, domínio do ambiente e geratividade).Inteligência emocional é a capacidade de monitorar e discriminar emoções próprias e de outrem e de utilizar essa informação para orientar pensamentos e ações, expressando-se nas dimensões sociabilidade, empatia, autoconsciência, automotivação e auto-valorização. O objetivo foi investigar relações entre os dois construtos na meia idade e velhice. A amostra de conveniência compreendeu 120 sujeitos, 60 entre 45 a 55 anos e 60 entre 60 a 69, metade de cada gênero. A coleta de dados envolveu a Escala de Desenvolvimento Pessoal (EDEP), com 30 itens e sete domínios derivados de Ryff (1989), Erikson (1950) e McAdams (1998) e a Medida de Inteligência Emocional (MIE) com 59 itens e cinco fatores (Siqueira, Barbosa e Alves, 2000). Os dados foram submetidos a análise univariada, bivariada e multivariada. Não foram encontradas diferenças estatisticamente significantes devidas a idade e gênero quanto ao escores totais na EDEP e na MIE. Em automotivação e autoconsciência (MIE), os homens pontuaram mais alto, independentemente da idade. Ocorreram correlações significantes entre automotivação e auto- aceitação, propósito, crescimento pessoal, domínio, e manter e oferecer, estas duas de geratividade (EDEP). Da análise fatorial aplicada à EDEP resultaram cinco fatores: 1-Ajustamento psicológico, auto- realização e crescimento pessoal; 2-Produtividade; 3-Cuidado; 4- Preocupação com a próxima geração;5-Compromisso com o outro.O grupo de meia idade teve maior pontuação em compromisso com o outro. Houve correlação positiva e significante entre os itens do Fator 1 da EDEP, o escore total na MIE e sua dimensão automotivação. Bem-estar psicológico e inteligência emocional não se comportaram como construtos independentes e nem pareceram fortemente afetados por gênero e idade no envelhecimento.

PALAVRAS-CHAVE: Inteligência emocional, Bem-estar psicológico, Meia-idade, Velhice, Gênero, Gerontologia.

QUEROZ, N. C.*Inteligência emocional e bem-estar psicológico entre homens e mulheres na meia idade e velhice.* Dissertação de Mestrado em Gerontologia, Faculdade de Educação da UNICAMP, Campinas, 2003. (Emotional intelligence and psychological well-being among middle - aged and old men and women).

ABSTRACT

Psychological well-being is a kind of self-perception about the level of adjustment regarding coping with existential challenges in adulthood and old age, reflected on positive relationships, autonomy, purpose, personal growth, personal acceptance, mastery and generativity. Emotional intelligence is the ability to manage and discriminate own and others emotions, and to make use of these informations to orient and carry on thoughts and actions, reflected on sociability, empathy, self-knowledge, self- motivation and self-valuation. We have done a research aimed at knowing relationships between these constructs at middle-age and old-age. The sample included 120 subjects, 60 aged 45-55 and 60 aged 60-69, half from each gender. Data collection included two self-report scales: the Self-Development Scale(SDS), comprising 30 items and the seven domains derived from Ryff(1989), Erikson(1950) and Mc Adams (1998), and the Measure of Emotional Intelligence (MEM), with 59 items and five domains (Siqueira, Barbosa and Alves, 2000). Data were submitted to statistical univariate, bivariate and multivariate analysis. There were not found statistically significant differences among age and gender groups, concerning total scores on both scales. Regarding MEM, men scored higher than women did on self-motivation and self-knowledge. There were significant correlations between self -motivation (MEM) and SDS´ self-acceptance, purpose, personal growth, mastery, and maintaining and offering, these related to generativity. Factorial analysis performed on SDS produced five factors:1-Psychological adjustment,self-actualization and personal growth;2-Productivity;3-Caregiving;4-Concern toward next generation;5- Commitment concerning the others. Middle-aged subjects showed the highest scores on factor 5. There was significant and positive correlation between Factor 1 and MEM´s total score and self motivation. In this sample, emotional intelligence and psychological well-being did not seem independent constructs; they did not seem strongly affected by gender and age in aging persons.

KEY-WORDS: Emotional intelligence, Psychological well-being, Middle-age, Old age, Gender, Gerontology.

"***Envelhecer não é seguir um caminho já traçado,***
mas construí - lo permanentemente".

Maria Helena Novaes.

Uma das decorrências da longevidade aumentada é o crescimento do interesse das pessoas, grupos e instituições sociais pelo bem-estar físico, social e psicológico dos idosos, parecendo incorporar nas suas ações . Parecem acatar o ponto de vista da Gerontological Society of América, que preconiza ser importante não apenas acrescentar anos à vida do ser humano, como também acrescentar qualidade de vida aos anos mais avançados da existência. De fato, um dos objetivos da Gerontologia é caracterizar as condições que permitem um envelhecimento saudável do ponto de vista físico, psicológico e social e uma boa qualidade de vida na velhice. Grandes esforços de pesquisa têm sido realizados nesse sentido, entre os quais destacam-se o Estudo Longitudinal de Seattle -Seattle Longitudinal Study (SCHAIE, 1996) e o Estudo do Envelhecimento de Berlim - Berlin Aging Study, (BALTES e MAYER, 1999). Entre as condições estudadas figuram os padrões de velhice e envelhecimento, os determinantes de uma boa qualidade de vida e os elementos que a compõem ou indicam. Entre esses estão boa saúde física e mental, atividade e envolvimento social (ROWE E KAHN, 1998); bem-estar subjetivo, indicado por satisfação e por equilíbrio entre estados emocionais positivos e negativos (DIENER e SUH, 1997), e bem-estar psicológico, indicado por auto-relatos de autonomia, domínio sobre o ambiente, auto-aceitação, senso de crescimento pessoal, propósito e relações positivas com os outros (RYFF, 1989b).

Qualidade de vida é um construto que é indicado por fatores objetivos (ex.: condição financeira, moradia) e subjetivos (ex.: estados emocionais, satisfação, crescimento pessoal). Sua avaliação expressa a relação existente entre o que se vive na realidade e o que é considerado como desejável pelo indivíduo e pelo seu grupo. Ou seja, quanto mais próximo o indivíduo e seu grupo social estiverem do que consideram como desejável, melhor será sua qualidade de vida percebida. Quanto maior a distância entre o real e o desejável pior será a qualidade de vida percebida. Isso significa que é necessário entrar em contato com verbalizações do indivíduo sobre as suas avaliações para saber sobre sua qualidade de vida física, social e emocional. Com isso se quer dizer que as condições objetivas de qualidade de vida constituem uma das classes de determinantes dessa condição, mas não a explicam totalmente. A outra classe é composta por fatores subjetivos, só acessíveis por meio da tomada de auto-relatos e de avaliações pessoais, nos quais os mecanismos de comparação desempenham influência primordial.

A avaliação da qualidade de vida na meia-idade e na velhice está relacionado a vários critérios de natureza social, biológica, cultural e psicológica, como os apontados por NERI (2000): longevidade, saúde biológica, saúde mental, satisfação, controle cognitivo, competência social, produtividade, atividade, eficácia cognitiva, status social, renda, continuidade de papéis familiares e ocupacionais e continuidade de relações informais em grupos primários. Cada um desses indicadores tem um determinado grau de importância para cada pessoa que está vivenciando a meia-idade e velhice, ou seja, podem estar associados a diferentes graus de satisfação, em virtude de diferentes vivências, emoções, valores e histórias de vida

Uma velhice bem-sucedida ou uma velhice normal dependem não só dos indivíduos mas também das relações entre pessoas em desenvolvimento com a sociedade em que vivem, a qual também muda ao longo do tempo (FEATHERMAN, SMITH e PETERSON, 1990). Para que a meia-idade e a velhice sejam vivenciadas satisfatoriamente, dependerá da sociedade em suprir as necessidades físicas, sociais e psicológicas do indivíduo e dependerá da competência individual da pessoa em administrar as demandas externas que estão relacionadas em seu ambiente. A competência individual está relacionado com o estar em grupo e em corresponder as expectativas de um grupo social, consequentemente estas relações serão revertidas na construção e manutenção do bem-estar do indivíduo. Neste sentido a Inteligência Emocional é importante para o indivíduo na medida que ele consegue lidar com suas emoções, e com as dos outros, está capacidade poderá ajudar nas boas relações sociais contribuindo para uma velhice satisfatória. Manter o bem-estar biopsicossocial na meia-idade e na velhice é, assim, um desafio que se propõe para as pessoas e para a sociedade e deve ser compreendida tanto a partir de um ponto de vista individual como social.

A proposição de GOLEMAN (1995) sobre a inteligência emocional definida como competência psicossocial não tem sido testada sistematicamente na pesquisa sobre qualidade de vida na meia-idade e na velhice, possivelmente porque os termos da definição desse autor se sobrepõem a outros correntes no campo da avaliação do bem-estar psicológico e da competência comportamental dos que envelhecem. Esta pesquisa foi planejada com base no pressuposto de que há relações entre o bem-estar psicológico, definido em termos de ajustamento e inteligência emocional e o definido em termos de competência psicossocial,

justifica-se a realização de uma pesquisa descritiva com o objetivo de testar essa relação. A seguir vamos examinar os construtos cujas definições são centrais para a realização do presente trabalho: bem-estar psicológico e inteligência emocional.

BEM-ESTAR PSICOLÓGICO

Estudos clássicos, como o de Kansas City, conduzido pelo Comitê do Desenvolvimento Humano na Universidade de Chicago em 1950 e o do Instituto Mac Arthur (ROWE e KAHN, 1998) mostraram que envelhecer bem depende da saúde física e mental, da continuidade da atividade e do envolvimento social. Esses estudos realçam também a habilidade para o afastamento, a satisfação com a vida e a maturidade ou integração da personalidade como elementos centrais à velhice bem-sucedida. As investigações sobre as condições que permitem essas experiências são numerosas e são referidas de vários modos na literatura: felicidade, ajustamento, estado de espírito, estado de ânimo, satisfação, saúde, bem-estar psicológico, sobrevivência, bem-estar subjetivo e equilíbrio entre aspirações e realizações (RYFF, 1982). Muitas vezes os termos bem-estar subjetivo e bem-estar psicológico são usados como sinônimos por isso faz-se necessário destacar a diferença existem nesses dois construtos.

Bem-estar subjetivo está relacionado a uma avaliação realizada pelo indivíduo sobre sua vida levando em conta critérios globais ou específicos. Essa avaliação é influenciada por valores pessoais, por padrões sociais e por aspectos históricos e possui componentes cognitivos e afetivos. O cognitivo refere-se à avaliação da satisfação com a vida em termos globais e em termos de domínios específicos, por exemplo, a saúde, as relações sociais e a espiritualidade. O afetivo está relacionado à avaliação de estados emocionais, que se manifestam por meio de afetos positivos, vinculados a experiências agradáveis (felicidade, alegria) e de afetos negativos, associados a experiências desagradáveis, como tristeza e infelicidade (DIENER e SUH, 1997).

DIENER (1984) afirma que o bem-estar subjetivo pode ser definido de três maneiras. A primeira, bem-estar visto como *virtude* depende de idealizações do indivíduo em busca de

qualidades pessoais desejáveis referenciadas a normas sociais e pessoais. A segunda refere-se ao *bem-estar como satisfação com a vida.* A última categoria enfatiza as experiências emocionais agradáveis, referindo-se ao equilíbrio entre *afetos positivos e negativos.* O bem-estar subjetivo pertence ao âmbito da experiência pessoal e é relativamente independente de indicadores objetivos, por exemplo, conforto, saúde e riqueza. Medidas de bem-estar subjetivo incluem avaliação global e avaliações particulares referenciadas a domínios específicos e são referenciadas ao critério positivo-negativo (DIENER, 1984).

Por sua vez, o construto bem-estar psicológico tem sido utilizado para compreender o funcionamento psicológico positivo e o ajustamento psicológico. RYFF (1989b) alerta para as limitações da literatura sobre o ajustamento do adulto e do idoso, expressas na ausência de estruturas teóricas englobando um maior número de dimensões de bem-estar, num certo negativismo implícito em relação à velhice, na pouca atenção dada aos recursos e desafios da velhice ou às possibilidades de crescimento e desenvolvimento continuado nessa fase e, por último, na pouca compreensão de que as concepções de bem-estar são construções humanas e abertas a definições diversas e competitivas bem como à variação cultural e à mudança histórica. A autora buscou, entre as teorias psicológicas que de algum modo cobrem esse tema, formas de suprir essas lacunas. Escolheu a formulação de Jung (1933) sobre o processo de individuação, a teoria de desenvolvimento do adulto de Bühler (1935), a teoria sobre os oito estágios do desenvolvimento de Erikson (1959) e a teoria sociointeracionista de Neugarten (1968 e 1973). Utilizou também enfoques clínicos sobre o crescimento pessoal, incluindo o do funcionamento completo da pessoa de Rogers (1961), a concepção de maturidade de Allport (1961) e o conceito de auto-atualização de Maslow (1968).

RYFF (1995b), KEYES, SHMOTKIN e RYFF (2002) colocam que bem-estar psicológico é um conceito associado a ajustamento pessoal, mais adequadamente definido como um conceito de felicidade pensada em termos de qualidade do ego. Ryff replica uma idéia fundamental na filosofia aristotélica que relaciona ajustamento pessoal com felicidade, esta compreendida como a busca incessante de aperfeiçoamento pessoal. Aristóteles chamou essa motivação de eudaimonia e contrastou-a com o conceito de felicidade como busca de prazer ou de satisfação das necessidades.

Para RYFF (1995b), KEYES *et al*. (2002) bem-estar psicológico significa possuir uma visão positiva sobre si mesmo e sobre a vida, sensos de domínio e de autonomia, relações de qualidade com os outros, senso de propósito e de significado da vida e ter um desenvolvimento continuado na maturidade. O conceito de bem-estar psicológico está associado ao ajustamento emocional e social, na medida em que engloba o cumprimento de tarefas evolutivas e de expectativas sociais, considerando-se seus atributos físicos, cognitivos e afetivos, idade e gênero. É a busca de um ideal de excelência, de crescimento pessoal ou de auto-realização. É a busca constante do aperfeiçoamento para manter o crescimento e o desenvolvimento, a consciência dessa busca e do constante deslocamento de metas em relação a objetivos mais elevados, favorece o ajustamento e a maturidade individual.

RYFF (1989b,1995) realizou pesquisas qualitativas com pessoas adultas e idosas para saber delas sobre sua concepção a respeito de felicidade. Com base nesses relatos, a autora propôs um modelo multidimensional de bem-estar psicológico, que também pode ser chamado de funcionamento psicológico positivo. Para a autora, seis dimensões fatoriais explicam o bem-estar psicológico em termos de ajustamento pessoal. São elas:

a) **Relações positivas com outros:** manter relações de satisfação, de confiança e de afetividade com outras pessoas.
b) **Autonomia:** ter um *self* determinado e independente, capaz de realizar auto-avaliações com base em critérios pessoais e capaz de seguir as próprias opiniões.
c) **Propósito de vida:** ter objetivos na vida e senso de direção, administrando o passado e o presente, com metas significativas à vida.
d) **Domínio do ambiente:** ser capaz de administrar atividades complexas da vida, nos âmbitos profissional, familiar e pessoal.
e) **Crescimento pessoal:** ser capaz de manter continuamente o próprio processo de desenvolvimento, estar aberto às novas experiências, tendência à auto-realização, ao aperfeiçoamento e à realização das próprias potencialidades.
f) **Aceitação pessoal:** ser capaz de aceitação de si e dos outros, com uma atitude positiva de si e dos acontecimentos anteriores.

O alcance dessas condições de bem-estar psicológico pelo indivíduo depende das oportunidades que teve ao longo da vida e de condições adequadas para sobrevivência, funcionamento e desenvolvimento, por exemplo, saúde física e mental, habitação, educação e trabalho (RESENDE, 2001). As experiências vividas pelo indivíduo no contexto social, profissional e emocional influenciam o bem-estar. A partir da interação entre as oportunidades, as condições vividas pelo indivíduo e a maneira pessoal como cada um organiza seu conhecimento e responde às necessidades pessoais e sociais e às demandas ambientais, é construído o senso de bem-estar psicológico.

KEYES *et al*. (2002) realizaram estudo investigando os construtos de bem-estar subjetivo e bem-estar psicológico. Os autores acreditavam que os construtos são conceitualmente relacionados, mas empiricamente separados e que as combinações desses relatos de bem-estar subjetivo e bem-estar psicológico diferem conforme aspectos sociodemográficos e de personalidade. A amostra foi composta por 3032 sujeitos americanos, sendo que 48,5% eram homens e 51,5% eram mulheres. A mostra era composta por três grupos de idade, 33,2% eram adultos (25-39 anos), 46% eram de meia idade (40-59 anos) e 20,8% eram idosos (60-74anos). No tratamento estatístico realizaram uma análise multivariada do construto de bem-estar subjetivo e bem-estar psicológico por idade, nível de escolaridade, gênero, etnia e estado civil. Os resultados mostraram uma correlação estatisticamente significativa apenas para idade e nível de escolaridade:

- Adultos com baixo bem-estar subjetivo e elevado bem-estar psicológico tendem a ter maior grau de escolaridade do que adultos com a combinação de baixo bem-estar subjetivo e baixo bem-estar psicológico.
- Em contraste, adultos e idosos com elevado bem-estar subjetivo e baixo bem-estar psicológico tendem moderadamente a um menor grau de escolaridade do que adultos com a combinação de baixo bem-estar subjetivo e baixo bem-estar psicológico.
- Adultos e idosos com elevado bem-estar subjetivo e elevado bem-estar psicológico tende a ter um nível mais alto de escolaridade do que adultos com a combinação de baixo bem-estar subjetivo e baixo bem estar psicológico.

Os autores concluíram que as variáveis idade e nível de escolaridade exercem influência nas combinações de bem-estar, no qual se torna nítido que a idade que o indivíduo possui e o nível de escolaridade está relacionado de acordo com valores de cada grupo social. Neste estudo, um elevado bem-estar é claramente vinculado a escolaridade e idade, pessoas de meia idade e idosos que possuem alto nível de escolaridade são provavelmente mais prósperos na vida e têm alta percepção de qualidade de vida.

A idade é uma variável importante, porque se torna uma referência para compreender as possíveis alterações físicas, sociais e psicológica que acontecem ao longo do desenvolvimento humano. ERIKSON (1963,1998) desenvolveu uma teoria do desenvolvimento psicossocial para a compreensão da personalidade do adulto. Para o autor o desenvolvimento se processa por ciclos, ao longo de toda a vida. A identidade se desenvolve através de uma série de estágios psicossociais durante toda a vida. Cada estágio possui uma tarefa evolutiva específica e evolui a partir da interação com a sociedade em que a pessoa está inserida. ERIKSON (1963,1998) introduziu o conceito de geratividade no seu modelo de oito estágios para o desenvolvimento humano. A geratividade se manifesta no estágio da meia-idade e se apresenta como uma reação à estagnação, ou seja, o equilíbrio entre estes dois pólos de conflitos é o grande desafio evolutivo ou tarefa evolutiva nesse estágio. O estado mais expressivo da geratividade é alcançado na meia-idade, mas ela também se manifesta na velhice.

ERIKSON (1998) afirmava que a geratividade refere-se à motivação e ao envolvimento com a continuidade e o bem-estar das futuras gerações, tanto no sentido biológico quanto cultural. Inclui procriatividade, produtividade e criatividade, que se manifestam na geração de novos seres, de novos produtos e de novas idéias, além de um processo de autodesenvolvimento relativo à elaboração da identidade de adulto maduro. Na meia-idade e na velhice a geratividade está associada a uma necessidade interna de garantir e manter a existência pela ótica da imortalidade simbólica, expressa no deixar um legado pessoal, ser útil e necessário, passar conhecimentos, experiências e sabedoria para a próxima geração. Segundo Erikson, a geratividade é um indicador de ajustamento na meia-idade e velhice e está relacionado ao cumprimento de tarefas evolutivas interna e culturalmente determinadas, ou seja, na medida que o indivíduo cumpre estas tarefas ele é valorizado culturalmente e a pessoa acaba sendo

apontada como ajustada, por que é capaz de realizar tais tarefas. O cumprimento destas tarefas é valorizado porque socialmente é esperado que os indivíduos assumam a responsabilidade pelas próximas gerações.

As ações gerativas são expressas no exercício de papéis adultos, na família, no trabalho, na comunidade, nas instituições sociais e na sociedade de modo geral. Autores como McADAMS, HART e MARUNA (1998) realizaram estudos com o objetivo de desenvolver uma extensão do conceito de geratividade estabelecido por Erikson. Desenvolveram um modelo de geratividade que tem como base dois elementos: o primeiro é *interno* e corresponde à tendência ontogenética de garantir simbolicamente a própria imortalidade. Os autores apontam o desejo de imortalidade simbólica com referência a essa tendência; o segundo é *cultural* e traduz as expectativas dos grupos humanos quanto à transmissão e à continuidade cultural. A partir desses dois elementos surgem sentimentos referenciados às *preocupações* pelo bem-estar atual e futuro da próxima geração*,* à *crença* no futuro da humanidade e ao *compromisso* com o bem-estar da humanidade. A interação entre eles se expressa em ações gerativas, cujo escopo é a continuidade biológica e cultural de cada indivíduo em particular e da sociedade humana de um modo geral.

As ações gerativas são descritas pelos mesmos autores em termos de três dimensões conceituais:

- Criação ou geração ➔ de indivíduos, coisas, ações e idéias que sirvam para perpetuar a espécie humana, no sentido biológico e sociocultural.
- Manutenção ➔ que se expressa em cuidar, amar, responsabilizar-se, cultivar, preservar, proteger, apoiar, ajudar, socorrer, promover e restaurar e se aplica a indivíduos, grupos, instituições, produtos culturais e à natureza.
- Oferta ➔ expressa na transmissão do que foi criado, ensino, aconselhamento, orientação, modelação e no deixar um legado pessoal, permitindo, porém, o uso autônomo desses produtos pelos beneficiários.

MCADAMS e ST. AUBIN (1992) construíram e validaram uma escala de generatividade – a Loyola Generativity Scale –, com 20 itens, para medir a preocupação global com a generatividade. Essa escala, adaptada por NERI (1999), foi utilizada no presente estudo. MCADAMS, *et al*. (1998) realizaram uma pesquisa com 152 sujeitos (homens e mulheres) de classe média, divididos em três grupos de idade: jovens (22-27), meia-idade (37-42) e idosos (67-72). Administraram quatro medidas de generatividade: preocupação para com a próxima geração, compromisso, ações gerativas e narração da generatividade. Verificaram que o grupo de meia-idade possuía índices mais altos de preocupação para com a próxima geração, quando comparado com o grupo de jovens e idosos. O compromisso gerativo se mostrou mais alto nos grupos de meia-idade e de idosos. O grupo de meia-idade obteve uma pontuação significativamente mais alta em ações gerativas quando comparado ao grupo de jovens e de idosos. Com relação à narração da generatividade, o grupo de meia-idade e os idosos apresentaram pontuação mais alta. Segundo os autores, a expressão do melhor momento gerativo no indivíduo é fazer contribuições positivas para a sociedade, ensinar e passar conhecimentos, criar e produzir e, por último, deixar um legado duradouro.

As ações gerativas podem expressar-se no exercício de trabalhos voluntários na sociedade. O trabalho voluntário representa a essência da generatividade na vida tardia ou o desejo de fazer uma diferença positiva para si próprio. FISHER, DAY e COLLIER, (1998) realizaram um estudo focalizando a relação entre voluntarismo e velhice bem-sucedida. Os sujeitos foram 24 pessoas com idades variando entre 56 e 82 anos (média 71,29 anos) que se dedicavam a trabalhos voluntários. Os pesquisadores utilizaram um questionário abordando questões como: o entendimento do idoso sobre velhice bem-sucedida, o que era necessário para uma velhice bem-sucedida, atividade voluntária, a motivação para o trabalho voluntário e a relação percebida entre essa forma de engajamento social e velhice bem-sucedida. Verificaram que 87% dos participantes viam o trabalho voluntário como contribuição para o envelhecimento bem - sucedido e 57% pensavam que o oferecimento para o trabalho voluntário aumentava o senso de propósito e o crescimento pessoal. Viram também que há associação entre trabalho voluntário e melhor auto-estima dos idosos, que indicavam ganhar em sentido de utilidade e de continuidade da produtividade.

Este tópico tratou do conceito de bem-estar psicológico que, no presente trabalho, é assumido em termos das categorias descritas por RYFF (1989b) e do conceito de geratividade conforme a definição original de ERIKSON (1963,1998) e as elaborações posteriores de MCADAMS, et al, (1998) e MCADAMS e ST. AUBIN (1992).

INTELIGÊNCIA EMOCIONAL

A inteligência figura entre os termos centrais da psicologia. A tradição do seu estudo e de sua mensuração estabeleceu-se nos primórdios da constituição da psicologia como ciência. Ao longo dos últimos 100 anos, a comunidade científica vem construindo caminhos para melhor defini-la e para melhor estabelecer a natureza de suas interfaces com aspectos orgânicos, sociais, educacionais, psicológicos e culturais. Seus esforços refletem-se em três grandes tendências, a psicométrica, a desenvolvimentalista e a cognitivista.

A tendência psicométrica remonta ao início do século XIX, quando Francis Galton (1822-1911) desenvolveu métodos estatísticos para classificar os seres humanos segundo suas capacidades físicas e intelectuais. Em 1882, Galton lançou uma escala métrica para medir traços físicos (ex.: tamanho, força muscular, acuidade visual). Para ele, quanto mais baixo fosse o nível de aptidão intelectual de uma pessoa, menor seria a sua capacidade de discriminação sensorial e coordenação motora. Ele acreditava que inteligência normal ou superior seria atributo típico de indivíduos escolarizados e estes apresentariam capacidades sensoriais especialmente aguçadas (*apud,* ALMEIDA, 1986). Gradualmente, a comunidade científica decidiu que seria necessário observar habilidades mais complexas, como a linguagem e a abstração para obter uma avaliação mais precisa das capacidades intelectuais.

No início do século XX, Alfred Binet e Théodore Simon projetaram os primeiros testes de inteligência, definida como capacidade mental geral de raciocinar, pensar, resolver problemas, atentar, conceitualizar e aprender. Iniciava-se o movimento ou modelo psicométrico que deu origem a um sem-número de medidas, definições e teorias cujo objetivo era avaliar pessoas

para propósitos específicos (na escola, no exército e nas organizações industriais), uma vez que se acreditava no valor preditivo dos testes e sua utilidade social. Entre as definições mais influentes podem ser citadas as de Spearman e de Thurstone que tiveram e ainda têm larga influência na psicologia, na educação e nos ambientes de trabalho. Charles Spearman (1927) acreditava na existência de um fator geral (fator g) de inteligência dominante, que poderia ser medido através das tarefas de um teste de inteligência. Já Thurstone (1938) afirmava a existência de um conjunto de faculdades mentais primárias (*fatores s*) com moderada independência entre si e mensuráveis por tarefas diferentes, sendo elas: compreensão verbal, memória associativa, visualização espacial, fluência verbal e numérica, velocidade de percepção e raciocínio. Logo, parte dos cientistas que faziam uso expressivo de testes de inteligência passou a argumentar que os instrumentos possuíam limitações, como, por exemplo, que eram afetados pelo grau de educação e que eram pouco preditivos fora do contexto escolar, principalmente quando alguns aspectos antecedentes como fatores sociais e econômicos eram considerados (*apud,* GARDNER,1994). Outros percebiam que não existia uma relação tão clara entre os resultados dos testes padronizados e as realizações das pessoas na vida real. Vários autores se perguntaram quais outros elementos seriam responsáveis pelo desempenho em situações complexas do cotidiano.

O *enfoque desenvolvimentalista* prioriza a maneira como os processos cognitivos se organizam, se estruturam ou mudam durante o desenvolvimento do ser humano, diferentemente do enfoque psicométrico que prioriza as diferenças individuais, não contextualizando as diferentes fases e mudanças que acontecem no ciclo de vida – na realidade considera apenas a capacidade de o indivíduo chegar a uma resposta precisa e correta. O psicólogo Jean Piaget (1896-1980) é o principal precursor do enfoque desenvolvimentalista. Iniciou sua carreira como pesquisador em 1920. Trabalhando no laboratório de Théodore Simon, interessou-se em compreender os erros que as crianças cometiam quando tentavam resolver itens num teste de inteligência. Ele acreditava que o importante não era a precisão da resposta, mas as linhas de raciocínio que a criança percorria. Essa foi provavelmente a pergunta inicial que o conduziu a um profundo envolvimento com a questão da origem do pensamento e da inteligência no ser humano. A adoção dos métodos clínicos e de observação como técnicas privilegiadas de acesso aos conteúdos intelectuais permitiu-lhe propor e testar

uma teoria sobre o desenvolvimento da inteligência na espécie humana. A sua descrição dos estágios desse processo – sensório-motor, pré-operatório, operações concretas e operações formais – viria a incorporar-se à nascente psicologia da criança. Embora não fosse esse seu objetivo inicial, a teoria de estágios fez de sua figura uma das mais proeminentes nos campos da psicologia e da educação (PIAGET,1977; GARDNER,1994).

As teorias do processamento de informações tentam compreender a inteligência humana em termos de processos mentais que colaboram para o desempenho de tarefas cognitivas, ou seja, incidem na análise dos processos na seleção, codificação, armazenamento e evocação da informação (ALMEIDA, *et al.*1989). A inteligência é conceituada como um conjunto de competências de processamento de informação; a ênfase é centralizada na análise do funcionamento inteligente com vistas a identificar os componentes e as estratégias que os sujeitos utilizam na resolução das tarefas (ALMEIDA, 1986). Os interesses voltam-se para o estudo dos seguintes níveis de processamento: velocidade pura (diferenças individuais na inteligência podem ser identificadas na velocidade de processamento); velocidade de escolha (velocidade de processamento e velocidade para tomada de decisões); velocidade de acesso ao léxico (velocidade de acesso à informação léxica na memória de longa duração) e velocidade de tempo de raciocínio (tipos de processamentos envolvidos no raciocínio). Este último tópico envolve *processos no desempenho*, que buscam a compreensão dos processos utilizados pelos indivíduos na solução de problemas, e *processos executivos*, que tentam entender os processos pelos quais as pessoas tomam decisões, por exemplo: que estratégias de execução são utilizadas na solução de problemas; como combinar esses componentes de execução em uma estratégia geral; como representar a informação e como trocar a velocidade pela precisão de desempenho (STERNBERG, 1992).

Na teoria de processamento de informações ou cognitivista, além de Sternberg, temos Simon (1976), que estudou o processo de informação inteligente de pessoas envolvidas na resolução de problemas complexos (ex.: xadrez); Hunt (1978), que focalizou a velocidade com que podemos recuperar a informação sobre as palavras armazenadas em nossas memórias de longo prazo; Jensen (1979), que propôs que a inteligência pode ser compreendida em função da velocidade de condução neural (condução rápida de informação), e Nettelbeck (1987), que

acredita em indicadores de inteligência relacionados com a rapidez envolvendo a codificação da informação visual para breve armazenamento na memória de curto prazo (*apud* STERNBERG, 2000).

STERNBERG (1992, 2000) criou uma teoria sobre a inteligência humana, segundo a qual ela é composta por três elementos que servem para relacionar a inteligência com o mundo interno e externo e com a experiência da pessoa. O autor faz uma analogia entre esses domínios e formas de exercício de poder pelo governo, motivo pelo qual, no original em inglês, seu modelo é referido como *triarchic,* ou relativo a três formas de governo.
Os três elementos são:

- **Relação da inteligência com o mundo interno:** faz referência ao processamento de informação que abrange três componentes. O primeiro são os *metacomponentes*, processos executivos (metacognição) usados para planejar, monitorar e avaliar a resolução de problemas. O segundo é o *desempenho*, que são processos usados para implementar os comandos dos metacomponentes. E, por último, a *aquisição de conhecimento*, usada para aprender como resolver problemas.
- **Relação da inteligência com a experiência:** refere-se à interação dos componentes do processamento da informação com as tarefas e situações que são novas, e também com aquelas sobre as quais já existe um conhecimento prévio.
- **Relação da inteligência com o mundo externo:** a relação dos componentes de processamento de informação com a experiência é geradora de recursos direcionados para satisfazer três funções do mundo externo – adaptar-se ao mundo existente, moldar os ambientes presentes para criar novos ambientes e selecionar novos ambientes.

HORN e CATTEL (1966) com base em pesquisas e em métodos estatísticos propuseram uma fusão entre os modelos clássicos de Spearman e de Thurstone. Descreveram o que chamaram de inteligência fluída e inteligência cristalizada que, segundo eles, explicariam as mudanças no desempenho intelectual relacionado à idade. A inteligência fluída seria referente às capacidades básicas de processamento de informação, sofreria influências biológicas e genéticas e tenderia a aumentar desde a infância até a vida adulta, a estabilizar-se logo a seguir e a declinar na velhice. A inteligência cristalizada estaria relacionada ao uso da informação,

sofreria influências da educação e da aculturação e não declinaria com a idade, a depender da exposição a experiências relevantes e da manutenção da funcionalidade física e mental. As capacidades mentais primárias do modelo de Thurstone relacionadas à inteligência cristalizada seriam a compreensão verbal, a formação de conceitos, o raciocínio lógico e o raciocínio geral (NERI, 2001e 2002).

Extensão de noções básicas das teorias psicométricas e de processamento de informação, o modelo bidimensional de Horn e Cattel serviu de base para o planejamento de numerosas pesquisas longitudinais e transversais. Por exemplo, a pesquisa de CORNELIUS e CASPI (1987) com adultos na faixa etária entre 20 e 78 anos investigou o desempenho em testes medindo inteligência fluída (séries de letras), inteligência cristalizada (significados verbais) e solução de problemas cotidianos (ex.: responder às críticas dos pais ou de um filho). Eles descobriram que o desempenho na inteligência fluída aumentou nas idades de 20 a 30 anos, manteve-se estável entre 30 e 50 anos e sofreu declínio posteriormente. STERNBERG e GRIGORENKO (2002) verificaram que o desempenho em teste de resolução de problemas práticos e em medidas da inteligência cristalizada melhorou até a idade de 70 anos. Dados muito parecidos foram encontrados no *Berlin Aging Study* (1999), que é um estudo interdisciplinar realizado com amostra casualizada de idosos e idosas de 70 a 105 anos de idade. Os dados encontrados indicam que a inteligência cristalizada permaneceu estável até aos 80 anos de idade, havendo declínio posteriormente. A inteligência fluída apresentou diminuição, sendo que quanto mais velhos os sujeitos maiores eram as perdas em velocidade de percepção e em inteligência geral (NERI, 2002).

BALTES *et al.*(1992) apresentaram uma nova proposta baseando-se na teoria de processamento de informação, apresentando dois processos para explicar a competência cognitiva do indivíduo. O primeiro está relacionado com mudanças evolutivas no processamento básico de informação: sob influências genéticas e com a idade há uma diminuição biológica na capacidade de reserva, chamada de inteligência mecânica. O segundo é a inteligência pragmática; refere-se à aplicação desses processos ao desempenho cognitivo e à adaptação ambiental e tende a permanecer estável durante a idade adulta (STERNBERG e GRIGORENKO, 2002).

STERNBERG (2000) definiu inteligência prática como a habilidade para encontrar um ajuste mais adequado entre o indivíduo e as demandas do ambiente, permitindo que o indivíduo se adapte ou que selecione um ambiente diferente. A inteligência prática apresenta dois tipos de capacidades. A primeira aborda as capacidades envolvidas na resolução de problemas práticos e a segunda, as envolvidas na aquisição e no uso do conhecimento prático. Para o autor, a inteligência prática é diferente da inteligência acadêmica e pode explicar diferenças individuais em desempenho que vão além do Quociente de Inteligência (QI).

Mas, recentemente, vários autores argumentam que esses modelos clássicos (enfoque psicométrico, desenvolvimentalista e cognitivo) não dão conta da complexidade do funcionamento humano, que não se expressaria apenas na solução de problemas acadêmicos e do domínio do trabalho, mas também nos âmbitos social, emocional e do auto - conhecimento. Entre eles citam-se BAR-ON (2002), GARDNER (1994), SALOVEY E MAYER (1990) E GOLEMAM (1995 E 1998), cujas formulações nos permitem estudar o fenômeno da inteligência por uma nova e mais abrangente perspectiva científica.

GARDNER (1994) é um dos grandes teóricos que nos traz novas concepções e propostas de estudar a inteligência. O autor define competência intelectual como um conjunto de habilidades que capacitam o indivíduo a resolver problemas ou dificuldades, a criar produtos eficazes e a gerar novos problemas. Segundo Gardner, a inteligência não é uma competência simples, mas complexa e multideterminada, que pode ser descrita em termos de, pelo menos, sete dimensões, que ele denomina de inteligências múltiplas: lingüística, lógico-matemática, espacial, musical, corporal - cinestésica e pessoal. A inteligência pessoal divide-se em dois subtipos, a interpessoal e a intrapessoal. A primeira baseia-se na capacidade de perceber distinções nos outros, particularmente diferenças em estados de ânimo, motivações, intenções e temperamentos. Já a inteligência intrapessoal seria a capacidade de conhecimento de si mesmo, uma habilidade de discriminar emoções e sentimentos, utilizando esse conhecimento para orientar o próprio comportamento. Com base na proposição teórica de Gardner surge, em 1990, o conceito de inteligência emocional proposto por Salovey e Mayer; desde então vários cientistas estão estudando esse fenômeno.

O conceito de inteligência emocional adquiriu popularidade com a publicação do livro de GOLEMAN em 1995. No entanto, a pesquisa que se ocupa em descrever e em explicar a inteligência emocional é bem recente. Nesse campo, HEDLUND e STERNBERG (2002) afirmam que duas posições opostas surgiram. A primeira postula uma noção mais restritiva da inteligência emocional, como sendo a capacidade de perceber e entender as informações emocionais. A inteligência emocional seria como uma capacidade cognitiva (processamento adaptativo de informações emocionais), distinta de variáveis de personalidade, e definida de maneira mais restrita, em termos de aptidão. Aptidão é vista como a capacidade de reconhecer significados e de utilizar tais conhecimentos para raciocinar e resolver problemas (MAYER *et al.*, 2002). Os adeptos da segunda posição assumem que a inteligência emocional inclui quase tudo que está relacionado com o sucesso, que são habilidades não cognitivas, tais como a assertividade e o controle de impulsos, em parte sobrepostas a traços de personalidade. A esse respeito, além do modelo de Goleman (1995), há o modelo misto de Bar-On (1997), que admite a existência de aptidões que são consideradas como capacidades mentais, tais como a resolução de problemas, e aptidões de personalidade, por exemplo, o otimismo.

A posição segundo a qual inteligência emocional é a capacidade de perceber e entender as informações emocionais, uma capacidade cognitiva distinta de variáveis de personalidade, definida de maneira mais restrita, em termos de aptidão, é representada por MAYER e SALOVEY (1997), MAYER, CARUSO e SALOVEY (2002). Para eles, a inteligência emocional envolve habilidades cognitivas, a exemplo da capacidade de perceber, avaliar e expressar emoções com precisão, entendidas como processamento de informações emocionais. A proposta de inteligência emocional de SALOVEY e MAYER (1990); MAYER *et al.*, (2002) se baseia na argumentação de que a inteligência emocional deve ser distinguida de variáveis de personalidade (extroversão e receptividade) e da inteligência propriamente dita, definida como um grupo de aptidões mentais, que são características de um indivíduo quando este consegue completar com sucesso uma tarefa de dificuldade definida. Os autores criaram um modelo de inteligência emocional para explicar como se organizam as várias habilidades cognitivas envolvidas no processamento adaptativo de informações emocionais. Divide-se em quatro componentes: ***percepção emocional*** *refere*-se a aptidões tais como capacidade de perceber, avaliar e expressar emoções com precisão; ***facilitação emocional do pensamento*** é a

aptidão para relacionar emoções com outras sensações mentais, bem como para utilizar a emoção ao raciocinar e ao resolver problemas; ***entendimento emocional,*** capacidade para a resolução de problemas emocionais (quais emoções são semelhantes ou opostas, ou que relações elas transmitem) e, por último, ***administração das emoções,*** vista como a aptidão de regular as emoções para promover o crescimento emocional e intelectual.

MAYER e SALOVEY (1997), MAYER et al. (1999) e colaboradores desenvolveram uma escala de inteligência emocional chamada de Multifactor Emotional Intelligence Scale (MEIS); ela consiste em 12 medidas de capacidades agrupadas nos quatro componentes de inteligência emocional. Em 1999, com a aplicação da escala Multifactor Emotional Intelligence Scale (MEIS), eles descobriram que, de modo global e absoluto, os adultos apresentaram um desempenho superior ao de adolescentes (MAYER, et al. 2002). A partir dessa escala, em 1999 os autores construíram um teste chamado Mayer, Salovey, Caruso Emotional Intelligence Test (MSCEIT), projetado para produzir um resultado geral de inteligência emocional, bem como para fornecer resultados para os quatro componentes da inteligência emocional (percepção emocional, facilitação emocional do pensamento, entendimento emocional, administração das emoções).

Um segundo modo de ver a inteligência emocional é representado pelas posições defendidas por Bar-On e por Goleman. Para BAR-ON (2002) a inteligência emocional é uma gama de aptidões, de competências e de capacidades não cognitivas que influenciam a capacidade de o indivíduo lidar com as demandas e pressões do ambiente. Bar-On propõe um modelo de inteligência emocional e social refletido numa medida de auto-avaliação do comportamento social e emocionalmente competente, a qual, segundo o autor, proporciona uma estimativa da inteligência social e emocional do indivíduo. Seu instrumento é composto de 15 subescalas que se agrupam em cinco escalas de capacidades não cognitivas: ***aptidões intrapessoais*** (autoconsciência emocional, assertividade, auto-respeito, auto-realização e independência); ***aptidões interpessoais*** (relacionamentos interpessoais, responsabilidade social, empatia); ***adaptabilidade*** (resolução de problemas, teste de realidade, flexibilidade); ***administração do estresse*** (tolerância ao estresse, controle de impulsos) e, por último, ***humor geral*** (felicidade e otimismo). O teste chama-se Emotional Quotient Inventory (EQ-i) e é composto por 133 itens

de cinco pontos em formato Likert distribuídos em subescalas que representam os cinco domínios de capacidades (BAR-ON, 2002).

HEDLUND e STERNBERG (2002) afirmam que Mayer e colaboradores referem-se à teoria de Bar-On como modelo misto, porque combina aptidões que podem ser caracterizadas como capacidades mentais (resolução de problemas) e outras que são identificadas como traços de personalidade, por exemplo o otimismo. BAR-ON (2002) conduziu pesquisas em um período de 12 anos com mais de 6.300 sujeitos para avaliar a confiabilidade e a validade do EQ-i (Emotional Quotient Inventory). Nessas pesquisas, os grupos mais velhos apresentaram resultados significativamente mais altos do que os grupos mais jovens na maioria dos resultados da escala. Os efeitos da idade sugerem que a inteligência social e emocional aumenta com a idade, pelo menos até a quinta década de vida.

Ao definir inteligência emocional, GOLEMAN (1995) enfatiza as relações e as experiências cotidianas bem como sua influência sobre o sucesso na solução dos problemas da vida diária. Para o autor, a inteligência emocional é composta por capacidades tais como conhecer as emoções, administrar as emoções, motivar a si mesmo, reconhecer emoções nos outros e manejar relacionamentos. O conceito inclui um conjunto de cinco capacidades: autoconsciência, automotivação, autocontrole, empatia e sociabilidade. As três primeiras dizem respeito a reações do eu e a o que o indivíduo faz com seus sentimentos. São as bases psicológicas responsáveis pelo fortalecimento das estruturas internas do indivíduo. As duas últimas voltam-se para fora, em direção aos sentimentos dos outros e às interações sociais. Constituem os componentes psicossociais que asseguram a sua competência do mundo social (SIQUEIRA, et al., 1999). MAYER, et al. (2002) afirmam que a teoria de Goleman baseia-se em habilidades ou capacidades não cognitivas e que inclui aspectos da personalidade.

GOLEMAN (1999) publicou outro livro com o título *"Trabalhando com inteligência emocional"* e definiu inteligência emocional como a capacidade de reconhecer nossos próprios sentimentos e os dos outros, de nos motivar e de administrar as emoções em nós mesmos e em nossos relacionamentos. Para o autor, a competência emocional seria capacidade aprendida, baseada na inteligência emocional e que resultaria em um desempenho notável no

trabalho. Ele propõe cinco dimensões que estão associadas a 25 competências emocionais agrupadas nos domínios *competência pessoal* (como lidamos conosco, incluindo autopercepção, auto-regulação e motivação) e *competência social* (como lidamos com relacionamentos, incluindo empatia e aptidões sociais).

Os domínios seriam:

- **Competência pessoal: dimensões e competências**
  - Autopercepção: percepção emocional, auto-avaliação precisa e autoconfiança.
  - Auto-regulação: autocontrole, merecer confiança, ser consciencioso, adaptabilidade e inovação.
  - Motivação: vontade de realização, dedicação, iniciativa e otimismo.

- **Competência social: dimensões e competências**
  - Empatia: compreensão dos outros, orientação para serviço, desenvolver os outros, e percepção política.
  - Aptidões sociais: influência, comunicação, liderança, catalisar mudanças, gerenciar conflitos, formação de vínculos, colaboração/cooperação e capacidade de equipe.

Segundo GOLEMAN (1995), a diferença essencial entre a sua proposição e a de GARDNER (1994) é que este dá mais ênfase aos pensamentos sobre sentimentos e concentrou-se mais na metacognição (consciência que se tem do próprio processo mental) do que nas emoções em si ou em toda a gama de aptidões emocionais.

No Brasil, o estudo da inteligência emocional foi iniciado por Siqueira e colaboradores, que em 1999 publicou os resultados de uma pesquisa sobre a construção de uma escala de inteligência emocional (SIQUEIRA, BARBOSA e ALVES, 1999). Com 59 itens, avalia cinco habilidades da inteligência emocional (autoconsciência, autovalorização, automotivação,

empatia e sociabilidade), conforme descritas no modelo de SALOVEY E MAYER (1990) e nos conceitos correlatos da proposta de GOLEMAN (1995).

DIÓRIO (2001) utilizou esse instrumento – Medida de Inteligência Emocional (MIE) – para investigar as capacidades emocionais que integram a competência emocional de um grupo de gestores. A MIE foi aplicada em 25 sujeitos, sendo 57,7% deles de 23 a 40 anos de idade e 42,3% de 40 a 56 nos. Comparando as cinco habilidades, os resultados indicaram maior diferença significativa entre autoconsciência e empatia, demonstrando destacada competência emocional dos gestores para compreender seus próprios estados emocionais e menor competência para ler estados em outras pessoas. Também verificaram que, quanto mais idade tinham os gestores, mais habilidade apresentavam para compreender seus sentimentos. SIQUEIRA E BARBOSA (2001) buscaram relações entre inteligência emocional, estado de ânimo e otimismo. Utilizaram três instrumentos: Medida de Inteligência Emocional – MIE (SIQUEIRA, et al.1999); Escala de Ânimo Positivo e Negativo – EAPN (SIQUEIRA, *et al*., 1999) e a Escala de Otimismo – EOT (SIQUEIRA, et al., 1996). A amostra era composta por 141 sujeitos com a média de idade de 27,5 anos. Os resultados indicaram que níveis mais elevados de inteligência emocional tendem a ser observados entre pessoas otimistas e com estado de ânimo positivo.

No Brasil há um número crescente de pessoas que estão vivenciando o seu envelhecimento e dentro do processo mais amplo de envelhecimento populacional. As projeções realizadas por demógrafos indicam que, dentro de poucas décadas, a população brasileira deverá conter uma proporção de idosos comparada com a que hoje existe em países de Primeiro Mundo que já completaram seu processo de transição demográfica, pela presença de 15% de idosos na população. Acreditamos que se entendermos como o bem-estar psicológico e a inteligência emocional se relacionam nos grupos de idade e também em relação a gênero, esses dados podem oferecer contribuições relevantes para a pesquisa e para a teoria sobre condições que permitem e cooperam para a ocorrência de uma velhice bem-sucedida. A divulgação dos dados da pesquisa que investem nessa direção poderá oferecer relevantes contribuições à elaboração de propostas políticas e pedagógicas para que a sociedade possa se beneficiar no envelhecimento com qualidade de vida para todos os cidadãos.

OBJETIVOS

Este estudo origina-se da necessidade de compreender a relação entre inteligência emocional e bem-estar psicológico em homens e mulheres que estão na meia-idade e na velhice. Este estudo está focalizando um campo inexplorado no Brasil e pouco testado na literatura internacional. Estudar a relação entre esses dois fenômenos contribuirá para a compreensão da sua organização e de que maneiras eles se manifestam em pessoas que estão na meia-idade e na velhice. Acreditamos que este estudo poderá agregar conhecimentos à promoção e à manutenção de um envelhecimento saudável.

As questões orientadoras foram as seguintes: a) Existe relação entre inteligência emocional e bem-estar psicológico? b) Existem diferenças associadas a gênero ou a idade em relação à inteligência emocional e ao bem-estar psicológico?

Em decorrência dessas perguntas, foram estabelecidos os seguintes ***objetivos****:*

1) Identificar e descrever relações entre os construtos de inteligência emocional e de bem-estar psicológico em pessoas que se encontram na meia-idade e velhice.

2) Verificar as semelhanças e as diferenças entre os grupos etários e gênero quanto ao bem-estar psicológico e à inteligência emocional.

3) Descrever as características e as relações psicométricas de dois instrumentos de avaliação psicológica mediante a amostra estudada.

MÉTODO

Sujeitos

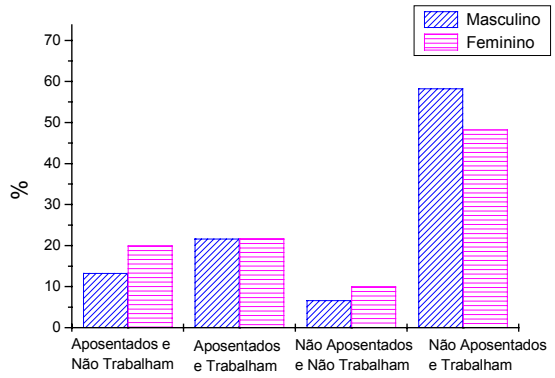
A pesquisa foi realizada com amostra de conveniência composta por 120 sujeitos residentes na cidade de Uberlândia, MG. Os sujeitos apresentavam estilo de vida ativo e independente e viviam na comunidade. Metade dos participantes tinha entre 45 e 55 anos (meia-idade) e a outra metade, de 60 a 69 anos (velhice). No grupo de idosos, a média de idade era de 64 anos e 2 meses (D.P. = 3 anos) e no grupo de meia-idade era de 49 anos e 9 meses (D.P.= 2 anos e 9 meses). Em cada grupo de idade, metade dos sujeitos eram homens e metade eram mulheres. Os sujeitos foram convidados e indicados por outros, em seus locais de trabalho, em centros de convivência e em residências. Foram informados sobre a confidencialidade dos dados individuais e assinaram um termo de consentimento informado.

Os participantes da pesquisa deveriam ter, no mínimo, oito anos de escolaridade, dada a natureza do instrumento, que exigia boa compreensão de texto e resposta escrita. Na amostra muitos sujeitos tinha mais de oito anos de escolaridade (ensino fundamental e ensino médio), ou seja, 46,6% do grupo de meia-idade e 51,6% do grupo de idosos possuíam de 9 a 14 anos de escolaridade, valor que correspondeu a uma diferença estatisticamente significante; 45% dos sujeitos do sexo masculino e 53% dos do sexo feminino tinham entre 9 e 14 anos de escolaridade.

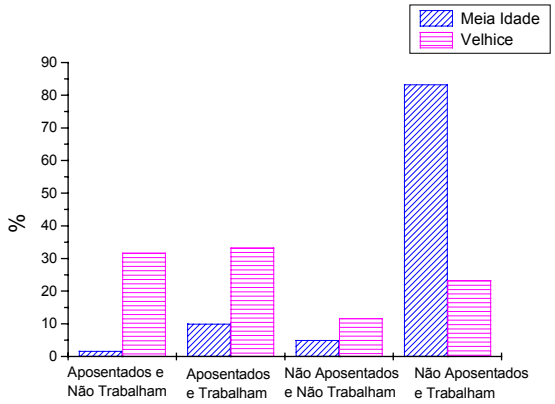
Os sujeitos, em sua maioria eram casados: 68% do sexo masculino e 41,5% do sexo feminino, bem como 56% dos de meia-idade e 53% entre os idosos. Dentre os solteiros, viúvos, separados e divorciados, 88% dos homens e 53% das mulheres disseram viver com companheiro(a), assim como 73% dos de meia-idade e 68% dos idosos.

Com relação a chefia familiar, 81% dos homens e 40% das mulheres, bem como 55% dos que estão na meia-idade e 66% dos idosos são os únicos responsáveis pelo sustento da família. Noventa por cento dos sujeitos têm filhos – 30% têm 2 filhos; 23%, 3 filhos; 18%, 4 filhos e 11%, 5 filhos.

Vinte e um por cento dos homens e igual porcentagem de mulheres são aposentados, mas trabalham. Dentre esses, 58% são do sexo masculino e 48% do sexo feminino; 10% estão na meia-idade e 33% são idosos. No grupo de trabalhadores ainda não aposentados, 83% pertenciam ao grupo de meia-idade e 23% ao de idosos A Figura 1 permite conhecer mais detalhes sobre a amostra.



Trabalho e Aposentadoria por Sexo
(Teste Qui-Quadrado: χ^2=1.76; df=3; p=0,623)



Trabalho e Aposentadoria por Idade
(Teste Qui-Quadrado: χ^2=45.59; df=3; ***p=0,001***)

Figura 1. Distribuição dos sujeitos nas variáveis trabalho e aposentadoria, segundo os critério de gênero e de idade.

Ambiente

A pesquisa foi realizada com sujeitos que, em sua maioria, eram participantes dos centros de convivência; vizinhos e amigos de alguns sujeitos foram indicados e os dados foram coletados em suas residências com horário previamente combinado.

Instrumentos

1. **Ficha sociodemográfica.**

A ficha sociodemográfica teve o objetivo de coletar os dados pessoais, como: gênero, idade, estado civil, escolaridade, profissão e ocupação, que eram considerados como variáveis antecedentes em relação aos resultados das escalas (ver Anexo I).

1. **Escala de Desenvolvimento Pessoal – EDEP.**

Trata-se de instrumento construído por NERI (1998), a partir das seis subescalas de bem-estar psicológico derivadas por RYFF (1989a, 1989b e 1995) e RYFF E ESSEX (1991), às quais foram acrescentados 12 itens que avaliam o conceito de geratividade (ERIKSON, 1963 e MCADAMS e ST. AUBIN, 1992), totalizando 30 itens. Dezoito refletem as escalas Ryff (três itens para cada dimensão definida pela autora) e 12 o conceito de geratividade e os seus componentes criar, manter e oferecer. Cada item é avaliado por uma escala, contendo cinco pontos (1- pouquíssimo; 2- pouco; 3- mais ou menos; 4- muito; 5- muitíssimo). No Anexo II pode-se verificar a escala na íntegra, com os itens arranjados pelas dimensões bem-estar psicológico e geratividade. A seguir, é apresentada uma descrição dessas dimensões no Quadro 1.

Quadro 1

Dimensões dos construtos bem-estar psicológico e geratividade, na Escala de Desenvolvimento Pessoal (EDEP).

Fatores do bem-estar psicológico (Ryff, 1989)

- **Relações positivas com outros***:* possuir relações de satisfação, de confiança e afetivas com os outros.
- **Autonomia***:* ter um *self* determinado e independente, tendo em si padrões de avaliação e de aprovação pessoal, sendo capaz de seguir suas próprias opiniões.
- **Propósito na vida***:* ter objetivos na vida e senso de direção, administrando o passado e o presente, com metas significativas à vida.
- **Domínio sobre o ambiente***:* ser capaz de administrar as atividades complexas da vida, no âmbito profissional, familiar e pessoal.
- **Crescimento pessoal***:* ser capaz de manter continuamente seu processo de desenvolvimento, estar aberto às novas experiências, auto-atualização, aperfeiçoamento e realização de suas próprias potencialidades.
- **Auto-aceitação***:* ser capaz de ter uma aceitação de si e dos outros, com uma atitude positiva sobre si e sobre os acontecimentos anteriores.

Dimensões conceituais de geratividade (Neri, 1999).

- **Criação ou geração***:* de indivíduos, coisas, ações e idéias que sirvam para perpetuar a espécie humana, no sentido biológico e sociocultural.
- **Manutenção***:* expressa-se em cuidar, amar, responsabilizar-se, cultivar, preservar, proteger, apoiar, ajudar, socorrer, promover e restaurar e se aplica a indivíduos, grupos, instituições, produtos culturais e à Natureza.
- **Oferta**: expressa-se na transmissão do que foi criado; em ensino, aconselhamento, orientação e modelação; em desejo de deixar um legado pessoal, permitindo que os beneficiários o usem livremente.

2. **Medida de Inteligência Emocional – MIE (Siqueira, Barbosa e Alves, 1999).** Consiste em 59 itens escalares com quatro pontos cada um (1- nunca; 2- poucas vezes; 3- muitas vezes; 4- sempre), avaliando cinco dimensões fatoriais, apresentadas no Quadro 2 .

Quadro 2: Dimensões fatoriais da Medida de Inteligência Emocional (MIE).

- **Empatia:** Facilidade de identificar os sentimentos, desejos, intenções, problemas, motivos e interesses dos outros, por intermédio da leitura e compreensão de comportamentos não verbais de comunicação, tais como: expressões faciais, tom de voz e postura corporal (14 itens).

- **Sociabilidade:** Facilidade de iniciar e preservar as amizades, ser aceito pelas pessoas, valorizar as relações sociais, adaptar-se a situações novas, liderar, coordenar e orientar as ações das outras pessoas (13 itens).

- **Automotivação:** Facilidade de elaborar planos para a própria vida, de modo a criar, acreditar, planejar, persistir e manter situações propícias para a concretização das metas futuras. Manter-se esperançoso e otimista nas diversas fases da vida (12 itens).

- **Autocontrole:** Facilidade de administrar os próprios sentimentos, impulsos, pensamentos e comportamentos (10 itens).

- **Autoconsciência:** Facilidade de lidar com os próprios sentimentos no que se refere a identificação, nomeação, avaliação, reconhecimento e atenção a esses sentimentos (10 itens).

No Anexo III encontram-se os 59 itens, na íntegra, distribuídos em suas respectivas dimensões.

Procedimento

1.Treinamento de pessoal. Foram escolhidos três auxiliares de pesquisa, estudantes do curso de graduação de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, para serem treinados para executar a aplicação dos instrumentos, juntamente com a autora.

2. Estudo piloto. Foi realizado com o objetivo de avaliar a compreensão dos instrumentos pelos sujeitos. O formulário contendo a ficha sociodemográfica e as duas escalas foi aplicado em 10 indivíduos – cinco homens e cinco mulheres, idosos e de meia-idade. Com este estudo foi possível avaliar o tempo médio da aplicação, aperfeiçoar as instruções e adequar a ficha de dados sociodemográficos.

3. Coleta de dados. Os sujeitos participaram voluntariamente da pesquisa, a partir de convites feitos diretamente a eles, em centros de convivência para idosos cujos dirigentes nos franquearam visita. Além disso, essas pessoas nos indicaram vizinhos e amigos e, assim, parte da amostra foi completada pelo sistema de bola de neve. Parte dos sujeitos respondeu coletivamente, no centro de convivência ou em locais de trabalho, parte respondeu individualmente, nesses mesmos locais ou em suas residências, segundo as suas conveniências de horário e local.

No início da sessão de coleta de dados, os participantes receberam informações sobre a natureza, o formato e os objetivos da pesquisa. Os sujeitos tiveram garantia de confidencialidade dos dados individuais e possibilidade de abandonar a pesquisa a qualquer momento. Eles assinaram um termo de consentimento informado. Em seguida, os formulários contendo os instrumentos eram distribuídos e se passava para a fase de instrução para preenchimento, dada uma única vez, e de modo padronizado, para todos os subgrupos que se formaram para a coleta de dados. Era enfatizada a necessidade de responder a todas as questões, de não rasurar e de dirigir perguntas em voz baixa aos auxiliares de pesquisa e à pesquisadora principal. A coleta de dados foi efetuada em uma única sessão.

4.Análise dos Dados. Para a análise dos dados foi utilizado o programa computacional SAS – Statistical Analysis System, versão 6.12. Para descrever o perfil da amostra segundo as diversas variáveis em estudo, foram realizadas tabelas de freqüência das variáveis categóricas (ex.: escolaridade, estado civil) e estatísticas descritivas, com medidas de posição e dispersão, quando as variáveis eram contínuas, caso das escalas MIE e EDEP. Para analisar a associação entre as respostas às variáveis categóricas foi utilizado o teste de associação X^2, que compara a freqüência de respostas esperadas com a freqüência de respostas observadas numa dada variável, numa dada distribuição.

Ainda com relação ao desempenho dos sujeitos nas escalas, os testes estatísticos utilizados compreenderam a Análise de Variância (ANOVA), considerando os fatores idade e sexo e a interação entre eles; para as análises intragrupos foi usado o coeficiente de correlação de Spearman.

Foi utilizado o coeficiente de α de Cronbach para analisar a consistência interna das escalas, uma contribuição ao conhecimento sobre a sua validade interna.

A Escala de Desenvolvimento Pessoal foi submetida à análise fatorial, com o objetivo de identificar padrões de interação conjunta entre os seus itens. Conhecer o comportamento dessa escala na amostra teve o objetivo de testar a validade dos construtos envolvidos. Na análise, os itens foram padronizados para evitar possíveis diferenças de variabilidade entre eles.

Foi utilizada a rotação ortogonal pelo método Varimax pela suposição assumida de que existe independência entre os fatores. Esta suposição foi baseada na análise dos itens de cada fator e das estimativas fatoriais, a partir da qual se verificou que elas concordavam com o construto da Escala de Desenvolvimento Pessoal. O uso da rotação ortogonal pelo método Varimax possibilita a separação pela variabilidade máxima de cada fator, de modo a tornar os fatores resultantes independentes entre si.

RESULTADOS

A análise da consistência interna dos instrumentos resultou num coeficiente *alpha*= 0,8991 para a Medida de Inteligência Emocional (MIE), de 0,8862 para os 18 itens de bem-estar psicológico e de 0,7673 para os de geratividade. Esses índices indicam que os instrumentos possuem consistência interna e, assim, garantem sua validade para utilização na presente pesquisa.

Segue-se a descrição dos resultados das análises univariadas e bivariadas. Por último, serão apresentados os dados da análise multivariada (fatorial).

Comparações entre os grupos de homens e mulheres de meia-idade e de homens e mulheres idosos na Medida de Inteligência Emocional

Para comparar o desempenho dos grupos de idade e sexo na Medida de Inteligência Emocional (MIE), utilizamos a Análise de Variância (ANOVA).

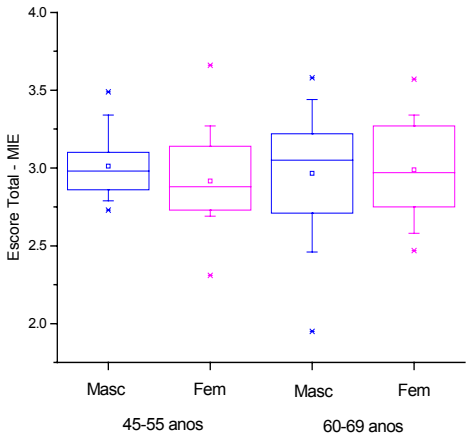
A Figura 2 mostra que os grupos de sexo e idade tiveram um desempenho parecido na escala de um modo geral, isto é, não se observaram diferenças estatisticamente significantes quanto ao escore total na MIE. Quando foram considerados os escores obtidos pelos grupos de sexo e de idade nas dimensões em separado, também não foram observadas diferenças estatisticamente significantes.

Porém, quando foi considerada a variável sexo, na dimensão automotivação encontramos uma pontuação significativamente maior para os sujeitos do sexo masculino, independentemente da idade (ver Figura 3). Na dimensão autoconsciência encontrou-se interação significativa entre as variáveis idade e sexo, favorecendo os homens, independentemente da idade (Figura 4).

As Figuras 2, 3 e 4 apresentam as distribuições das respostas dos grupos de idade e sexo à totalidade dos itens e aos itens separados por domínios. Permitem avaliar a variabilidade das

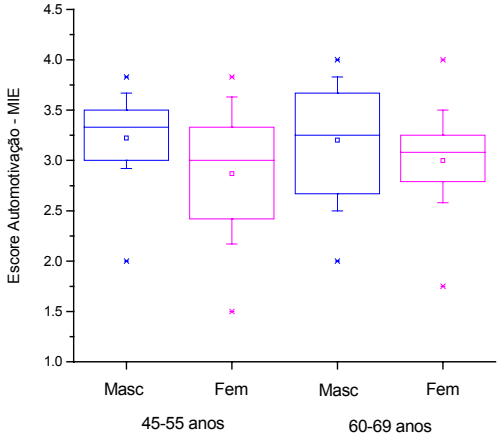
respostas em torno das medianas e das médias, assim como as respostas extremas em cada grupo, para cada variável considerada.

A análise da Figura 2 permite dizer que, embora as diferenças não tenham sido estatisticamente significantes, a menor variabilidade ocorreu no grupo de homens de meia-idade e a maior para os homens idosos. De modo geral, a tendência dos grupos foi positiva, o que se revela por medianas em torno do valor 3 da escala. As Figuras 3 e 4 mostram as tendências dos grupos que se diferenciaram estatisticamente e também revelam que os valores médios e medianos em automotivação foram mais altos do que em autoconsciência. Em automotivação, o grupo que pontuou mais alto foi o masculino, independentemente da idade. Em autoconsciência, ocorreu interação significante entre sexo e idade para a amostra de um modo geral. Ao procurar saber qual grupo influenciou essa tendência, observou-se que os homens de meia-idade e os homens idosos pontuaram mais alto do que as mulheres nas mesmas idades. No entanto, o *p-valor* para essa diferença foi de 0,0662, indicando leve tendência, já que o *p* crítico era $\leq$ 0,05.



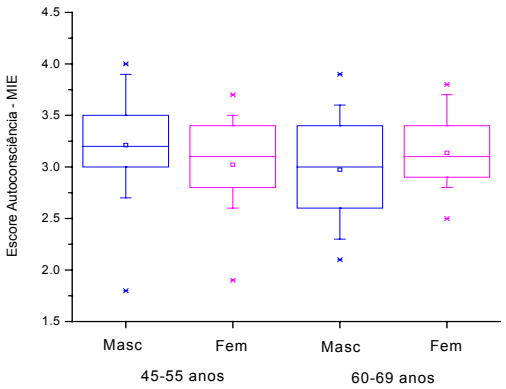
p-valor (sexo) = 0,5115 p-valor (faixa etária) = 0,8228

Figura 2. Distribuição dos escores totais obtidos pelos grupos de idade e gênero na Medida de Inteligência Emocional (MIE).



p-valor = 0,0048 (sexo)

Figura 3. Distribuição dos escores obtidos pelos grupos de idade e gênero na dimensão Automotivação da MIE.

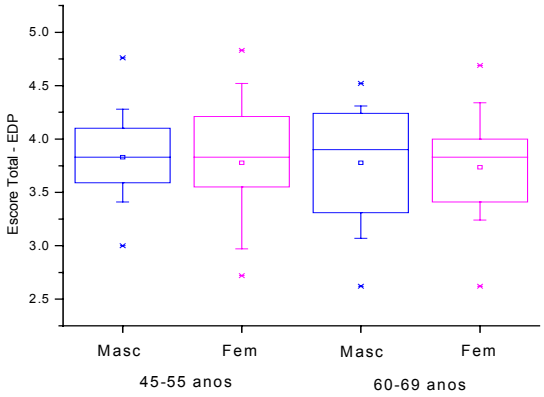


p-valor (interação) = 0,0325 e p-valor = 0,00662 (sexo masculino)

Figura 4. Distribuição dos escores obtidos pelos grupos de idade e gênero na Medida de Inteligência Emocional (MIE), na dimensão Autoconsciência.

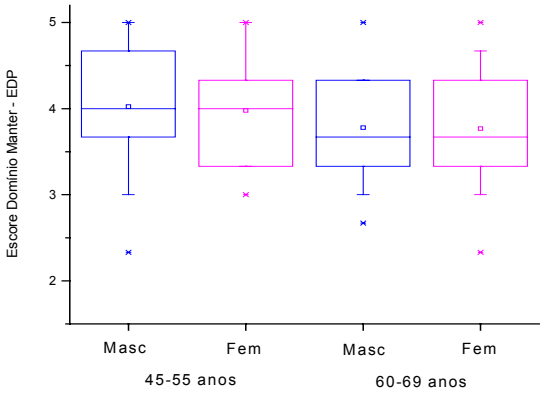
Comparações entre os grupos de homens e mulheres de meia-idade e homens e mulheres idosos na Escala de Desenvolvimento Pessoal

Conforme os resultados da ANOVA, que comparou os sujeitos por sexo e por idade, quanto ao seu escore total na EDEP, os grupos não se comportaram de forma estatisticamente diferente (ver Figura 5). Quando foram consideradas as dimensões relativas ao construto bem-estar psicológico (relações positivas com os outros, autonomia, propósito na vida, domínio sobre o ambiente, crescimento pessoal e auto-aceitação), tampouco foram observadas diferenças entre os grupos de sexo e de idade. Nas dimensões do construto geratividade – ***criar e oferecer*** – também não foram observadas diferenças. Porém, quanto à dimensão ***manter,*** o grupo de meia-idade apresentou pontuação significantemente mais alta, independentemente da variável sexo, ou seja, homens e mulheres de meia-idade pontuaram mais alto do que homens e mulheres idosos (ver Figura 6). No entanto, o que se verificou foi uma leve tendência, não significante.



p-valor (sexo) = 0,6038 **p-valor (faixa etária) = 0,6038**

Figura 5. Distribuição do escore total da Escala de Desenvolvimento Pessoal (EDEP) por gênero e grupos de idade.



p-valor (faixa etária) = 0,0618

Figura 6. Distribuição dos escores da dimensão Manter (EDEP) por grupo de idade e gênero.

Correlações entre os resultados dos grupos na Medida de Inteligência Emocional e na Escala de Desenvolvimento Pessoal

As análises intragrupos quanto ao desempenho nos dois instrumentos escalares foram mediadas por testes de correlação de postos, de Spearman. A Figura 7 permite conhecer os resultados para a amostra de um modo geral, quando foram considerados os escores totais obtidos pelos grupos nas duas escalas. Não foram encontradas correlações estatisticamente significantes entre os escores totais da amostra nas duas escalas, o que sugere independência entre eles, como se pode ver na Figura 7.

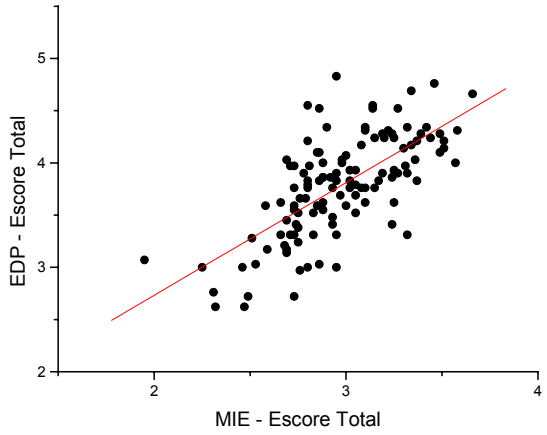


Figura 7. Correlação entre os escores totais obtidos pelos grupos na MIE e na EDEP.

No entanto, esse resultado se alterou quando foram calculadas as correlações entre os escores totais em cada escala e os escores em cada um dos domínios. Resultaram correlações estatisticamente significantes (**r** = 0,0001) entre o escore total na MIE e os escores nos seguintes domínios da EDEP: propósito na vida, crescimento pessoal e auto-aceitação, dimensões essas que representam o bem-estar psicológico. Ocorreram correlações significantes entre o escore total na MIE e as dimensões criar e oferecer da subescala de geratividade da EDEP.

Quando se calcularam as correlações entre os domínios das duas escalas foi possível observar relações estatisticamente significantes entre o domínio da MIE automotivação e os domínios da EDEP propósito na vida, crescimento pessoal, auto-aceitação e domínio sobre o ambiente, que pertencem à subescala de bem-estar psicológico, e entre automotivação e as dimensões criar e oferecer do construto geratividade (da EDEP). A Tabela 1 detalha os resultados.

Tabela 1: Distribuição das correlações entre as dimensões das duas escalas (EDEP e MIE).

Variáveis	Correlação (Valores de R)*
Domínio sobre o ambiente x automotivação	0,60834
Propósito na vida x escore total na MIE	0,51874
Propósito na vida x automotivação	0,62972
Crescimento pessoal x escore total na MIE	0,66899
Crescimento pessoal x automotivação	0,64693
Auto-aceitação x escore total na MIE	0,56053
Auto-aceitação x automotivação	0,62556
Criar x escore total na MIE	0,50378
Criar x automotivação	0,50352
Oferecer x escore total na MIE	0,56073
Oferecer x automotivação	0,51146

***significantes a 0,0001**

Análise fatorial aplicada aos resultados da amostra de um modo geral na Escala de Desenvolvimento Pessoal

Com o objetivo de estudar os padrões de inter-relação característicos dos desempenhos da amostra na EDEP, foi feita uma análise fatorial, com rotação ortogonal pelo método Varimax. O Coeficiente Kaiser Meyer-Olkin (KMO) foi 0,8671, indicando que os dados têm consistência para submissão à análise fatorial. Pelo critério de seleção de fatores com valor próprio maior que 1 são obtidos alguns fatores. A estrutura fatorial resultante foi composta de sete fatores, com um valor próprio de 8,7002 para o Fator 1; 2,2071 para o 2; 1,8473 para o 3; 1,5354 para o 4; 1,3824 para o 5; 1,1892 para o 6 e 1,0368 para o 7.

Os sete fatores explicam 61,7% da variabilidade total dos dados. Interpretamos os cinco primeiros, porque detinham as cargas mais altas e um maior número de itens, e porque melhor representavam os conceitos que presidiram a criação da EDEP. Outro aspecto importante que justifica a escolha de apenas cinco fatores é que o fator 6 é composto por apenas um item, não possuindo representatividade. Sendo assim, o fator 7 não poderia fazer parte por que há uma hierarquização entre os fatores, ou seja, se o fator 6 não faz parte, incluir o fator 7 poderia romper esta hierarquização.

Na Tabela 2 apresentamos os itens componentes desses fatores, as respectivas cargas fatoriais e as denominações que atribuímos aos cinco fatores, com base na noção de variável latente, ou seja, aquela que explica teoricamente cada fator derivado. Antes, porém, é importante definir os cinco fatores que derivamos dos dados a partir da teoria. As definições aparecem no Quadro 3.

Quadro 3

Definições relativas aos fatores encontrados para a Escala de Desenvolvimento Pessoal (EDEP).

Fator 1 – Auto-realização, crescimento pessoal e ajustamento psicológico. O indivíduo tende a descrever a própria personalidade em termos de continuidade, integração e crescimento pessoal; abertura a novas experiências, realização das próprias potencialidades e perseguição de meta de excelência pessoal.

Fator 2 – Produtividade. O centro de sentido desse fator é a contribuição singular que cada adulto maduro oferece ao seu grupo mais próximo e à sociedade de modo geral, contribuição essa que ocorre por meio de ação educativa (orientar). Não é apenas e simplesmente a produção de bens materiais, mas também a produção de bens espirituais, mediante os quais a continuidade e o progresso culturais ficam garantidos, ao mesmo tempo em que o indivíduo sobrevive na memória do grupo.

Fator 3 – **Cuidado**. O prestar cuidados a indivíduos dependentes e a manutenção de relações de interdependência são ações e preocupações gerativas que fazem parte da agenda evolutiva dos adultos e dos idosos. As sociedades esperam que se manifestem no plano físico e no plano simbólico. O adulto cuja personalidade é congruente, tende a ver-se como necessário na vida de outrem e tende a comprometer-se com a educação em seu sentido mais lato de conduzir e orientar quanto a questões existenciais.

Fator 4 – Preocupação com as próximas gerações. Manifesta-se pelo desejo de legar algo de si para os contemporâneos e para as gerações vindouras, sendo-se produtivo e cuidadoso em relação a eles.

Fator 5 – Compromisso com o Outro. Reflete-se em preocupações com a continuidade biológica e cultural de indivíduos particulares e da sociedade de um modo geral.

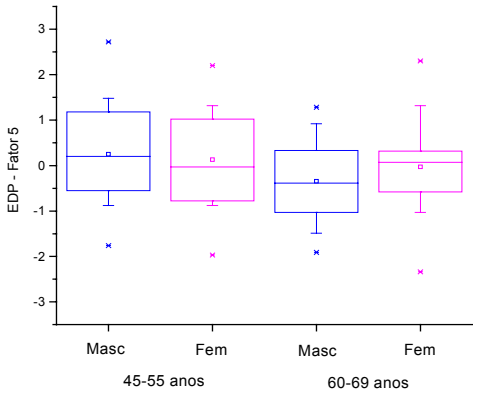
Tabela 2. Estrutura fatorial da Escala de Desenvolvimento Pessoal nos grupos de meia-idade e de idosos

Fatores	Cargas dos itens no fator	Itens
Fator 1 Auto – Realização Crescimento Pessoal Ajustamento Psicológico	0.7469 0.7307 0.7086 0.6951 0.6324 0.5802 0.5602 0.5335 0.5017 0.4427 0.4285 0.4045	17 – Sou pessoa que caminha com confiança pela vida (**Domínio**) 05 – Conforme tempo passa estou cada vez melhor como pessoa (**Cresc Pessoal**) 03 – Consigo enfrentar com vigor problemas do dia-a-dia (**Propósito**) de vida) 12 – Tenho vários motivos para me sentir satisfeito com realizações (**Auto-aceitação**) 07 – Qdo. olho para trás e avalio vida, fico feliz que tudo deu certo (**Auto-Aceitação**) 18 – Acho que ainda tenho muitas coisas para fazer (sentido de vida) 04 – Acho importantes ter novas experiências, ajudam compreender... (**Cresc Pessoal**) 09 – Decido por mim mesmo (**Autonomia**) 02 – Sinto-me dono da minha vida (**Domínio**) 10 – Consigo dar conta várias responsabilidades (**Domínio**) 06 – Outros me descrevem como pessoa generosa, compartilhar... (**Relaç Posit Outros**) 11 – Sinto minha vida contínuo processo mudança, ... (**Cresc Pessoal**)
Fator 2 Produtividade	0.7623 0.7330 0.6236 0.6121	27 – Outros dizem que tenho contribuições criativas (**Criar**) 26 – Muitos me procuram para orientação (**Oferecer**) 29 – Após morrer gostaria ser lembrado ações/contribuições (**Oferecer**) 19 – Outros dizem que sou pessoa produtiva (**Criar**)
Fator 3 Cuidado	0.6608 0.6571 0.5049	24 – Sou necessário na vida de vários (**Manter**) 21 – Sinto tenho deixado minha marca nos outros (**Oferecer**) 08 – Gosto de vários aspectos minha personalidade (**Auto-Aceitação**)
Fator 4 Preocupação com as próximas gerações.	0.7974 0.7506 0.6795	23 – Penso pessoas se preocupam espécies,... não têm nada mais importante (**Manter**) 25 – Qdo for velho, vou me recolher vida privada... (**Oferecer**) 28 – Prefiro não me envolver novos projetos (**Criar**)
Fator 5 Compromisso com o Outro.	0.7671 0.4702 0.4555	22 – Sociedade é responsável destino pessoas carentes (**Manter**) 20 – Sinto tenho obrigação passar adiante experiência (**Oferecer**) 30 – Ensinar é uma das coisas mais lindas que existem (**Oferecer**)

Comparação do desempenho dos homens e das mulheres do grupo de meia-idade e do grupo de idosos nos fatores da Escala de Desenvolvimento Pessoal

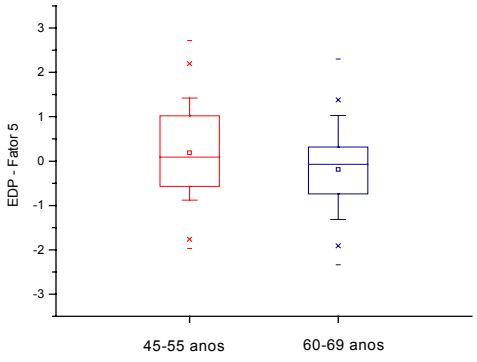
Foi realizada análise de variância para saber se os grupos de idade e sexo haviam se comportado de maneira diferente na EDEP. O único fator em que ocorreram diferenças estatisticamente significantes foi o fator 5 – ***Compromisso com o outro*****,** em que o grupo de meia-idade apresentou pontuação mais alta do que o dos idosos. Para um *p-valor* igual ou menor que 0,05, estabelecido como crítico para esse tratamento, os valores do Fator 2 – ***Produtividade*** – apresentaram apenas uma leve tendência à diferença entre os homens e as mulheres de meia-idade, favorecendo os primeiros. No Fator 4 ocorreu igualmente leve tendência à diferenciação do grupo das mulheres de meia-idade em relação às idosas. As primeiras pontuaram um pouco mais alto do que as últimas em ***Preocupação com as próximas gerações***.

Nos gráficos de caixa que aparecem na Figura 8, podem ser observadas a distribuição e a variabilidade dos desempenhos dos grupos no Fator 5.



p-valor (faixa etária) 0,0378

Fator 5 – EDEP



Fator 5 – EDEP (grupos de idade)

Figura 8. Distribuição dos escores do Fator 5 entre os homens e as mulheres do grupo de meia-idade e do grupo de idosos.

Análise das correlações bivariadas entre os desempenhos da amostra total na Medida de Inteligência Emocional e na Escala de Desenvolvimento Pessoal

Seguindo a lógica que presidiu a análise intragrupos em relação aos escores simples das escalas, isto é, ainda não submetidos à análise multivariada , decidiu-se realizar uma análise de correlação de Spearman. O **r** crítico estabelecido foi $\geq$ 0,50 e o **p** crítico $\leq$ 0,001. Foi observada uma correlação significante entre o Fator 1 – ***Auto-realização, crescimento pessoal e ajustamento psicológico*** da EDEP e o escore total na MIE total (r = 0,54222). Encontramos também uma correlação significante entre o Fator 1 da EDEP e o Fator ***automotivação*** da MIE (r = 0,68928).

Análise fatorial dos itens da Medida de Inteligência Emocional e da Escala de Desenvolvimento Pessoal

Na medida em que havia interesse metodológico em estabelecer os padrões de multivariabilidade entre a MIE e a EDEP, decidiu-se realizar nova análise fatorial, com rotação ortogonal Varimax, envolvendo os itens dos fatores dos dois instrumentos. Os resultados aparecem no Quadro 1. O Coeficiente Kaiser Meyer-Olkin (KMO) foi de 0,62, indicando que os dados têm consistência intermediária para a realização de análise fatorial. Pelo critério de seleção dos fatores com autovalor maior do que 1, foram obtido cinco fatores, que explicam 73,8% da variabilidade total dos dados. Os valores próprios de cada fator foram 0,89490 para o Fator 1; 0,88620 para o 2; 0,86111 para o 3; 0,86239 para o 4 e 0,91986 para o Fator 5.

Quadro 4

Estrutura fatorial resultante da análise conjunta dos itens dos fatores da Medida de Inteligência Emocional e da Escala de Desenvolvimento pessoal.

Novos Fatores	**Composição dos novos fatores que representam relações entre a EDEP e a MIE**
Fator 1	Altos valores em **Auto-realização, crescimento pessoal e ajustamento psicológico** (EDEP) da EDEP e na dimensão **Automotivação** da MIE.
Fator 2	Altos valores em **Compromisso com o Outro** (EDEP) e na dimensão **Empatia** da MIE.
Fator 3	Altos valores no **Cuidado (**EDEP) e na dimensão **Autoconsciência** da MIE, mas valores baixos no **Autocontrole** da MIE.
Fator 4	Altos valores em **Produtividade** (EDEP) e na dimensão **Sociabilidade** da (MIE)
Fator 5	Altos valores em **Preocupação com as próximas gerações** (EDEP) e na dimensão **Autoconsciência** da (MIE)

Na estrutura fatorial resultante da análise conjunta entre as duas escalas encontramos relações entre os domínios já estabelecidos da Medida de Inteligência Emocional (MIE) e os novos fatores da Escala de Desenvolvimento Pessoal (EDEP), como pode ser percebido no Quadro 4. Porém, foram encontrados altos valores no fator 3 da EDEP e na dimensão autoconsciência da MIE, mas valores baixos na dimensão autocontrole da MIE. Ou seja, o Fator3 estabeleceu uma relação positiva com autoconsciência, mas estabeleceu uma relação negativa com autocontrole.

RESUMO DOS RESULTADOS

Não ocorreram correlações estatisticamente significantes entre os escores totais dos construtos inteligência emocional e bem-estar psicológico, porém, o escore total em inteligência emocional correlacionou-se com os domínios auto-aceitação, propósito na vida e crescimento pessoal da Escala de Desenvolvimento Pessoal (EDEP). Foi notado que a dimensão automotivação da inteligência emocional também teve relações significativas com as dimensões da EDEP citadas acima, e também com a dimensão domínio sobre o ambiente do mesmo instrumento. Geratividade correlacionou-se com inteligência emocional (escore total) e com sua dimensão automotivação, assim como correlacionou-se com as dimensões criar e oferecer.

Na comparação entre os grupos de idade e gênero na Medida de Inteligência Emocional (MIE) não foram observadas diferenças significativas quanto ao escore total da MIE. Apenas na dimensão da automotivação encontramos uma pontuação significativamente maior para os sujeitos do sexo masculino, independentemente da idade. Na dimensão autoconsciência foi encontrado uma interação significativa entre as variáveis idade e sexo, favorecendo os homens, independentemente da idade. Portanto, os dados indicam que há uma diferença em relação a gênero: os homens demonstram ser mais automotivados e autoconscientes do que as mulheres.

Na análise dos dados da Escala de Desenvolvimento Pessoal (EDEP), quando compararou-se os grupos de idade e gênero não foi encontrado diferenças significativas nem quanto ao escore nem quanto às dimensões. Na dimensão ***manter*** (gerativida*de)* o grupo de meia-idade pontuou mais alto do que o dos idosos, independentemente do gênero. Ou seja, os sujeitos de meia-idade apresentam uma tendência de expressar com maior intensidade sua preocupação com o cuidado, a proteção e a preservação, com relação a indivíduos, grupos, instituições, produtos culturais e com relação à Natureza.

Da análise fatorial da EDEP foram derivados cinco fatores: Fator 1 – ajustamento psicológico, auto-realização e crescimento pessoal; Fator 2 – produtividade; Fator 3 – cuidado; Fator 4 – preocupação com a próxima geração; Fator 5 – compromisso com o outro.

Na análise de variância comparando os grupos de idade e sexo, o único fator que apresentou diferenças estatisticamente significantes foi o Fator 5, em que o grupo de meia-idade apresentou pontuação mais alta, independentemente do sexo. Ou seja, os dados analisados indicam que o grupo de meia-idade tem um maior compromisso com o outro, quando comparado com o grupo de idosos.

Os resultados indicam uma correlação significante do Fator 1 da EDEP com o escore total da MIE e também uma correlação entre o Fator 1 e a dimensão automotivação da MIE. Portanto, ajustamento psicológico, indicado por crescimento pessoal, e auto-realização estão relacionados com a inteligência emocional, principalmente com a dimensão automotivação.

DISCUSSÃO

A literatura psicológica sempre discriminou entre as capacidades intelectuais que têm base orgânica, tais como processamento básico da informação, memória, atenção, e as competências sociais e emocionais relacionadas ao manejo de experiências práticas e relacionais, derivadas do acúmulo de vivências cotidianas.

Mais recentemente, desenvolveu-se uma nova perspectiva que tenta juntar as duas tradições. Segundo a nova tradição, a inteligência prática, social e emocional, e que deriva das vivências das pessoas, tem como base as capacidades mentais básicas, embora seja relativamente independente delas. Como elas, também permite a adaptação do indivíduo, mediante a seleção e a transformação de aspectos do ambiente.

Entre as capacidades intelectuais práticas, sociais e emocionais podem ser citadas o reconhecimento; a definição e a transferência de recursos para a resolução de problemas; a representação mental de problemas, a formulação de estratégias, a monitoração da ação e da solução de problemas e a avaliação (STERNBERG e GRIGORENKO,2002). Incluem também as inteligências múltiplas (lingüística, lógico-matemática, espacial, musical, corporal-cinestésica, interpessoal e intrapessoal) de GARDNER (1994), que define competência intelectual como um conjunto de habilidades que capacitam o indivíduo a resolver problemas ou dificuldades, a criar produtos eficazes e a gerar novos problemas. Igualmente englobam a inteligência emocional, conforme definição de GOLEMAN (1995), que enfatiza as relações e as experiências cotidianas, bem como sua influência sobre o sucesso na solução dos problemas da vida diária. Para o autor, a inteligência emocional é composta por capacidades tais como conhecer as emoções, administrar as emoções, motivar a si mesmo, reconhecer emoções nos outros e manejar relacionamentos.

A despeito da importância desses processos para o ajustamento dos adultos e dos idosos, não existem trabalhos sistemáticos de busca de relações entre os construtos inteligência emocional e bem-estar psicológico, mesmo na presença de boa base intuitiva para supor relações entre eles. Exceções são o estudo de Bar-On realizado em 1997 e o de PHILIPS, et al. (2002).

KEYES, et al. (2002) afirmam que podem ocorrer mudanças graduais no bem-estar psicológico dos adultos e dos idosos em resposta às desvantagens acumuladas e às experiências adversas que ocorrem durante o curso de vida. As limitações resultantes podem ser compensadas por meio de vários processos adaptativos, tais como comparação social, avaliação reflexiva, estratégias de enfrentamento e orientação a objetivos. Esses processos adaptativos que o indivíduo realiza influenciam a construção do seu bem-estar psicológico. A capacidade para manter elevados níveis de propósito, controle e crescimento na presença de adversidades também favorece a resiliência psicológica.

Segundo STAUDINGER, et al., (1995), pesquisas realizadas sobre o *self* na velhice sugerem que os idosos alteram seus níveis de aspiração em determinados domínios de funcionamento. A partir desse mecanismo de redução, podem lidar melhor com mudanças negativas em suas condições de saúde ou com o declínio de suas competências comportamentais. O ajustamento dos níveis de aspiração pode ocorrer de várias formas e, muito freqüentemente, é baseado em processos de comparação social. A seleção de grupos apropriados para comparação é um importante mecanismo que tem como principal função proteger o indivíduo, pois fortalece as suas estruturas psicológicas internas, permitindo que melhor administre e maneje os ganhos e as perdas que fazem parte do processo de envelhecimento.

Para RYFF (1989b), RYFF, KEYES (1995), o funcionamento psicológico positivo na vida adulta e na velhice é indicado por seis dimensões: crescimento pessoal, aceitação pessoal, autonomia, relações positivas com os outros, propósito na vida, domínio sobre o ambiente. Seu modelo é baseado numa concepção de maturidade como virtude ou como qualidade de procurar realizar o próprio potencial para a excelência pessoal. A maturidade está relacionada com padrões sociais de adequação social e de excelência esperada para indivíduos adultos e idosos.

No campo do desenvolvimento do adulto e do idoso, o termo maturidade é usado principalmente com três sentidos: o primeiro com cumprimento de normas etárias de que o grupo dispõe para o adulto de meia-idade e para o idoso; o segundo está focalizado no alcance

de uma qualidade ou virtude do ego pelo adulto de meia-idade e pelo idoso; e, por último, é indicador de saúde mental na meia-idade e na velhice (NERI, 2001).

Pensando sobre inteligência emocional, MAYER e SALOVEY (1997) afirmavam que a competência emocional manifesta-se quando uma pessoa adquire um nível significativo de desenvolvimento da realização emocional, tornando-se hábil na maioria das capacidades da inteligência emocional. Para os autores, a pessoa desenvolve suas habilidades emocionais de acordo com as exigências socialmente instituídas sobre como se comportar (Barbosa, 2000). Indivíduos emocionalmente inteligentes são conhecedores de seus próprios pensamentos e dos outros. São abertos para aspectos positivos e negativos das experiências internas e externas. Tais conhecimentos muitas vezes os orientam para a regulação eficaz de afetos dentro de si mesmo, contribuindo para o seu bem-estar (SALOVEY e MAYER, 1990).

Para MAYER e SALOVEY (1997), a inteligência emocional é a aptidão para pensar sob a influência das emoções. A realização emocional está relacionada com o "como" a pessoa aprendeu a lidar com as próprias emoções e com o "quanto" ela se desenvolveu na compreensão dessas emoções.

Nesta pesquisa, os escores relativos aos desempenhos da amostra na Escala de Desenvolvimento Pessoal (EDEP) e na Medida de Inteligência Emocional (MIE) foram elevados, sugerindo que os participantes se vêem como ajustados ou como pessoas com um desenvolvimento positivo, ou como portadoras de alto grau de competência socioemocional. FREIRE (2000) e NERI (2000) afirmam, com base na literatura, que os idosos mantêm visões positivas de si mesmos, administrando suas vidas de forma eficaz, apesar das adversidades que fazem parte do processo de envelhecimento. As pessoas de meia-idade e idosas que estão vivenciando os ganhos e as perdas inerentes ao processo do envelhecer fazem ajustes de seus objetivos e metas para se adequarem à realidade social em que estão inseridas. Tais ajustes são realizados com base nas experiências anteriores de sucesso e fracasso ao longo do curso de vida. A utilização de recursos internos e de estratégias de enfrentamento diante das dificuldades impulsiona a manutenção e a reestruturação do bem-estar psicológico. A inteligência emocional ajuda porque se relaciona com a competência para reconhecer os

próprios sentimentos e os dos outros, para administrar as próprias emoções e os relacionamentos e para automotivação para lidar com as dificuldades encontradas no curso de vida.

No entanto, os dados estatísticos demonstraram que não ocorreu uma correlação significativa entre os construtos globais bem-estar psicológico e inteligência emocional, mas sim entre algumas de suas dimensões. Foram encontradas correlações entre a dimensão automotivação e o escore total de inteligência emocional e entre essas dimensões e auto-aceitação, propósito na vida, crescimento pessoal, domínio sobre o ambiente, criar e oferecer, pertencentes à Escala de Desenvolvimento Pessoal. Tais resultados nos permitem inferir que, nesta amostra, pessoas que são automotivadas possuem também elevada auto-aceitação e elevado senso de crescimento pessoal, elevado senso de propósito de vida, senso de controle sobre o ambiente e inclinação para ações gerativas.

Isso indica que há uma sobreposição dessas dimensões pertencentes aos dois diferentes construtos. Tal sobreposição nos instiga a pensar que a automotivação atua tanto na estruturação interna do indivíduo como na externa. GARDNER (1994) definiu inteligência interpessoal como a capacidade de perceber distinções em estados emocionais de outras pessoas, especialmente as que concernem a estados de ânimo, motivações, intenções e temperamento. Essa formulação é compatível com a proposição de GOLEMAN (1995) e SIQUEIRA, *et al.,* (1999), que acreditam que as dimensões empatia e sociabilidade conectam o indivíduo com as relações externas. Acreditamos que a automotivação está na base da elaboração e da construção das interações sociais, bem como da manutenção das competências psicossociais, motivo pelo qual guarda correlações com as dimensões criar, oferecer e controle sobre o ambiente, do construto bem-estar psicológico. Para GARDNER (1994), inteligência intrapessoal é um profundo conhecimento de si mesmo, uma habilidade de discriminar emoções e sentimentos, utilizando esse conhecimento para orientar o próprio comportamento. Fazendo relação com a teoria de GOLEMAN (1995) e de SIQUEIRA *et al*., (1999), as dimensões autocontrole, autoconsciência e automotivação da inteligência emocional formam um conjunto de competências, direcionado às relações internas, à discriminação dos próprios

sentimentos e à utilização desse conhecimento sobre si mesmo para o fortalecimento das estruturas internas do indivíduo.

Neste estudo percebe-se que a automotivação é imprescindível ao equilíbrio das relações interpessoais e intrapessoais; ela é uma alavanca que impulsiona o indivíduo a elaborar planos para a própria vida, a buscar adaptações e recursos internos para lidar com as adversidades e a manter condições adequadas para a manutenção do bem-estar psicológico. Isto explicaria as correlações encontradas entre automotivação e crescimento pessoal, auto-aceitação e propósito na vida. Ou seja, a automotivação é um importante preditor do bem-estar psicológico, é agente facilitador da elaboração e da concretização das metas futuras e é mantenedor do otimismo nas diversas fases da vida. Essas relações ficam ainda mais em evidência com a análise fatorial que juntou a Escala de Desenvolvimento Pessoal (EDEP) e a Medida de Inteligência Emocional (MIE), e da qual derivaram cinco fatores. O Fator 1 (auto-realização, crescimento pessoal, ajustamento psicológico) confirma a análise bivariada precedente, assim como o Fator 2 (compromisso com o outro e empatia), o Fator 5 (preocupação com as próximas gerações e autoconsciência) e o Fator 4 (produtividade e sociabilidade).

Verificando as semelhanças e as diferenças entre os grupos etários e de gênero quanto ao bem-estar psicológico e à inteligência emocional, foram encontradas algumas diferenças significativas. Em inteligência emocional, os homens são mais automotivados do que as mulheres e há uma leve tendência dos homens também serem mais autoconscientes, independentemente da idade. Quando verificou-se as diferenças entre gênero e idade nos cinco fatores da Escala de Desenvolvimento Pessoal (EDEP), os homens do grupo de meia-idade apresentaram uma tendência de serem mais cuidadosos do que as mulheres de meia-idade.

A preocupação com as gerações futuras e a manutenção de relações de interdependência são ações e preocupações gerativas que fazem parte da agenda evolutiva dos adultos e dos idosos. As sociedades esperam que se manifestem no plano das ações e no plano simbólico. O adulto cuja personalidade é congruente tende a ver-se como necessário na vida de outrem e tende a comprometer-se com a educação em seu sentido mais lato de conduzir e orientar quanto a questões existenciais. Essa diferença que favorece os homens talvez se deva à presença de

diferentes oportunidades sociais para homens e mulheres. Para os primeiros, cuidar teria estado mais associado a prover e a legar para o futuro; para as mulheres, cuidar estaria mais ligado a instrumentalidade e a providências educacionais imediatas. Com isso, os homens teriam vivenciado mais oportunidades para aperfeiçoar conhecimentos de modo a administrar situações e ambientes externos e as mulheres a administrar situações privadas.

Pouco se conhece sobre os efeitos do envelhecimento sobre a inteligência emocional (PHILLIPS, et al., 2002). BAR-ON em 1997 realizou estudo utilizando o Emotional Quotient Inventory (EQ-i), abrangendo as dimensões: ***aptidões intrapessoais*** (autoconsciência emocional, assertividade, auto-respeito, auto-realização e independência); ***aptidões interpessoais*** (relacionamentos interpessoais, responsabilidade social, empatia); ***adaptabilidade*** (resolução de problemas, teste de realidade, flexibilidade); ***administração do estresse*** (tolerância ao estresse, controle de impulsos) e, por último, ***humor geral*** (felicidade e otimismo) em uma amostra de 4.000 participantes com 17 anos e mais, nos Estados Unidos e Canadá, sendo 49% do sexo masculino e 51% do feminino. Os grupos mais velhos apresentaram resultados significativamente mais altos do que os grupos mais jovens na maioria das dimensões da escala. Com relação ao sexo, não apareceram diferenças entre homens e mulheres no que diz respeito à competência social e emocional total. As mulheres apresentaram aptidões interpessoais mais fortes do que os homens, mas estes apresentaram mais alta capacidade intrapessoal e maior capacidade para administrar o estresse, além de serem mais adaptáveis (*apud*, BAR-ON, 2002).

Não foram encontradas diferenças significativas entre os escores dos construtos bem-estar psicológico e inteligência emocional nos diferentes grupos de idade. Ambos os grupos pontuaram alto, o que é congruente com os dados na literatura que apontam que as pessoas que envelhecem atingem pontuações elevadas em escalas de auto-relato que avaliam bem-estar psicológico. Outro elemento que pode explicar as altas pontuações na amostra é a sua escolaridade, de 11 anos, em média. Segundo a literatura, quanto mais elevado o nível de escolaridade do indivíduo, maior o senso de bem-estar psicológico. RYFF (1989b) diz que a idade cronológica e conhecimentos educacionais definem a posição do indivíduo na estrutura social.

As dimensões manter, criar e oferecer fazem parte da dimensão geratividade na Escala de Desenvolvimento Pessoal. O grupo de meia-idade pontuou ligeiramente mais alto do que o dos idosos na dimensão ***manter***. O grupo de meia-idade também se destacou no ***Fator 5 – Compromisso com o outro*** (diferença estatisticamente significante). No ***Fator 4 – Preocupação com as próximas gerações*** –, o grupo de mulheres de meia-idade pareceu mais preocupado com as próximas gerações do que as mulheres idosas. Esse dado é coerente com os de MCADAMS e ST. AUBIN (1992), que realizaram pesquisa com 152 homens e mulheres de classe média, divididos em três grupos de idade: jovens (22-27), meia-idade (37-42) e idosos (67-72). Administraram quatro medidas de geratividade: preocupação para com a próxima geração, compromisso, ações gerativas e narração da geratividade. Verificaram que pessoas de meia-idade possuem índices mais elevados de preocupação e de ações voltadas ao bem-estar da próxima geração do que jovens e idosos.

MCADAMS, *et a*l.,(1998) afirmaram que a preocupação gerativa é positivamente associada com medidas de bem-estar psicológico e com as características de personalidade extroversão, afabilidade, abertura a experiências e estabilidade emocional (baixa tendência a neurose). NERI (1999) afirmou que as ações gerativas são expressas no exercício de papéis adultos, na família, no trabalho, na comunidade, nas instituições sociais e na sociedade de modo geral. Elas estão associadas à ***criação*** de ações e idéias que sirvam para perpetuar a espécie no sentido biológico e sociocultural; na ***manutenção*** que se manifesta no cuidado, na proteção e na restauração aplicada a indivíduos, instituições, produtos culturais e naturais, e, por último, na ***oferta*****,** que se expressa na transmissão do que foi criado e no desejo de deixar um legado.

Permanece em aberto a razão pela qual, neste estudo, no fator, encontramos correlação negativa entre cuidado, que tem relação direta com geratividade, e autocontrole, que se relaciona com facilidade para administrar os próprios sentimentos, impulsos, pensamentos e comportamentos. Teoricamente, esperar-se-ia uma correlação positiva entre esses elementos, uma vez que autocontrole seria mediador das preocupações gerativas. Uma possibilidade que necessita de mais provas é a de que essa correlação negativa se deva aos diferentes perfis de homens e mulheres com relação à geratividade encontrados neste estudo, muito embora a diferença não tenha sido significativa. Não temos explicação, por ora, para o não aparecimento

da variável autocontrole no Fator 1 (auto-realização, crescimento pessoal e ajustamento psicológico) ou no Fator 2 (compromisso com o outro).

As ações gerativas são exercidas por pessoas que estão na meia-idade e velhice e são expressas no exercício de papéis junto a família, ao trabalho, em instituições sociais e na comunidade. A disposição para se interessar e dedicar ao próximo está relacionado com ações gerativas e também com o altruísmo. FREIRE (2001) realizou pesquisa com 158 homens e 182 mulheres, agrupando três faixas etárias (25-35; 45-55; 65-75), na qual focalizou o investimento em domínios selecionados da vida pessoal, o conteúdo de metas de vida, os níveis de satisfação global com a vida e de satisfação referenciada a domínios. Nesse estudo, os adultos de meia-idade foram os que mais se caracterizaram pela meta contato altruístico. A autora afirmou que esse resultado pode ser explicado pelo tipo de tarefa evolutiva que é característico dessa fase do desenvolvimento, qual seja, a geratividade, que tem relação com metas do tipo contato altruístico. Elas incluem preocupações e desejos orientados a pessoas e a grupos específicos, bem como preocupações humanitárias de ordem mais ampla, como por exemplo, o desejo de paz e de igualdade entre os homens.

CACHIONI (2002) realizou um estudo com 102 professores de sete universidades da terceira idade. Um de seus objetivos era levantar auto-relatos sobre o desenvolvimento pessoal dos participantes. A autora utilizou a Escala de Desenvolvimento Pessoal (EDEP) e verificou que na amostra predominaram auto-relatos positivos sobre o desenvolvimento pessoal, principalmente entre os professores mais velhos e os da área social. A autora concluiu que a prática da docência a idosos proporcionava aos sujeitos trocas pessoais e culturais significativas, senso de integridade e de geratividade, e isso favoreceria o seu senso de bem-estar psicológico.

Analisando o desempenho dos sujeitos (grupos de idade e gênero) na Escala de Desenvolvimento Pessoal e na Medida de Inteligência Emocional quanto às médias elevadas, percebeu-se que os dados poderiam estar relacionados com pessoas de meia-idade e idosos que já viveram alguns anos e possuem um maior número de experiências de vida. Neste sentido, estas experiências poderiam contribuir para a construção de estratégias de

enfrentamento de condições favoráveis e adversas da vida. O conhecimento de si mesmo poderá contribuir para o fortalecimento na construção de recursos internos e estes poderão promover o bem-estar na medida que o indivíduo tem condições de administrar os próprios sentimentos e comportamentos. BALTES e MAYER, 1999 afirma que o *self* é um sistema composto por estruturas de conhecimento de si mesmo, é um conjunto de funções cognitivas que integram ativamente essas estruturas ao longo do tempo. O *self* permite interpretar experiências e comportamentos e manejar e regular emoções. Tem estreita relação com o bem-estar psicológico e a qualidade de vida percebida que, em conjunto, favorecem o senso de continuidade. A avaliação do bem-estar psicológico na meia-idade e na velhice (assim como nas outras idades) depende do *self*, que é mantido ao longo de toda a vida, mesmo na presença de condições adversas. Ser capaz de lidar com as emoções é um aspecto que Erikson denominou de "integridade do *self*" e que os especialistas em inteligência emocional realçam como fundamental ao bom funcionamento psicossocial. Com o aumento da idade, o adulto torna-se mais capaz de lidar com situações emocionais, o que provavelmente explica os altos escores que apareceram neste estudo.

O indivíduo emocionalmente inteligente possui capacidade de administrar suas próprias emoções de forma eficaz. Esse aspecto é importante para que seja capaz de negociar seu próprio caminho por meio de interações interpessoais. Outro aspecto da competência emocional é a auto-eficácia emocional, que favorece o bem-estar porque facilita a aceitação da própria experiência emocional como justificada e digna, ou seja, ajuda a aceitar a própria experiência emocional, seja ela única e excêntrica, seja culturalmente convencional. Tal aceitação é alinhada com as crenças do indivíduo a respeito do que é equilíbrio emocional desejável (SAARNI, 2002). O senso de auto-eficácia emocional colabora para a manutenção da competência comportamental e, por isso, é adaptativo. Indivíduos emocionalmente inteligentes e que têm alto senso de bem-estar psicológico utilizam essas estratégias em situações adversas e estressantes e podem lidar melhor com as questões envolvidas no processo do envelhecer.

O construto inteligência emocional tem sofrido várias críticas. Uma delas é que a existência de vários modelos e medidas sugere a necessidade de unificação de linguagens na própria área,

bem como de definições mais claras quanto às diferenças entre o construto e outros existentes no campo da personalidade e do bem-estar psicológico. Outras alertam para a possibilidade de que o construto inteligência emocional (ou parte dele) seja sobreposto a outros do campo da personalidade.

SIQUEIRA e BARBOSA (2001) realizaram estudo investigando relações entre inteligência emocional e personalidade. Para avaliar o primeiro construto, os autores utilizaram três medidas fatoriais: a Medida de Inteligência Emocional, que foi utilizada neste estudo; o Instrumento de Identificação de Sentimentos em Si Mesmo (BARBOSA, 2000), e o Instrumento de Identificação de Sentimentos nos Outros (BARBOSA, 2000) e para avaliar o segundo construto, Siqueira usou uma medida fatorial de personalidade, a de Marcadores de Avaliação de Personalidade. A amostra foi composta por 214 estudantes universitários dos sexos masculino e feminino, com idade média de 21,5 anos, em sua maioria solteiros. Os resultados demonstraram que os fatores de identificação de sentimentos em si mesmo, os fatores de identificação de sentimentos nos outros e as dimensões empatia e autoconsciência da MIE formaram um fator. O outro foi formado pelos cinco fatores que compunham os marcadores de avaliação de personalidade e os outros da MIE, que são sociabilidade e automotivação. Ou seja, não é perfeita a separação entre os fatores que compõem os dois construtos, o que sugere que são, em parte, sobrepostos ou dependentes.

CARUSO, et al., (2002) testaram a independência entre uma medida padronizada fatorial de traços de personalidade (16PF, de Cattel, Cattel e Cattel, 1993) e uma medida fatorial de inteligência emocional centrada em desempenho de tarefas e não em auto-relatos (MAYER *et al.*, 1999). Os resultados mostraram relativa sobreposição entre os dois construtos, uma vez que a pontuação total em inteligência emocional apareceu correlacionada positivamente com a variável extroversão do teste de personalidade. Da mesma forma, identificação de emoções (inteligência emocional) correlacionou-se negativamente com ansiedade (personalidade); uso das emoções (inteligência emocional), positivamente com extroversão; manejo das emoções (inteligência emocional), positivamente com emoções e negativamente com ansiedade. Assim, apenas a dimensão compreensão das emoções (inteligência emocional) não apareceu correlacionada com variáveis de personalidade. No mesmo estudo, a medida de inteligência

emocional mostrou-se correlacionada com outras referentes a auto-relatos sobre comportamentos e necessidades sociais.

Nessa linha de raciocínio atuou MCCRAE (2002), realizando uma análise crítica dos modelos unidimensionais e multidimensionais de inteligência emocional, representados pelas proposições de GOLEMAN (1995) E BAR-ON (1997), respectivamente. Segundo McCrae, não há vantagens na utilização de um construto misto, principalmente quando essa mistura se dá com variáveis estabelecidas fatorialmente em medidas clássicas de personalidade, como o 16PF e os Cinco Grandes Fatores de personalidade. Ao contrário, se bem operacionalizado, um modelo unidimensional pode trazer vantagens à descrição e à predição do comportamento em situações específicas, não previstas pelas descrições de traços da personalidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O funcionamento psicológico positivo na velhice é um objetivo de alta relevância prática, uma vez que a velhice bem-sucedida é um ideal perseguido pelos indivíduos e pela sociedade. Este estudo selecionou duas variáveis latentes que a literatura aponta como preditoras de ajustamento pessoal na velhice: o bem-estar psicológico e a inteligência emocional, e procurou relações entre elas.

O construto bem-estar psicológico pertence a uma tradição psicológica que o associa à ótima capacidade de resolução dos desafios existenciais da vida adulta e da velhice. Essa tradição remonta aos anos 1950 a 1960, não produziu fortes investimentos nos anos seguintes e foi retomada por Carol Ryff e seus colaboradores nos anos oitenta. Segundo a autora, a principal razão pela qual essa linha de pensamento não prosperou e nem se refletiu nos estudos sobre velhice bem-sucedida foi a falta de bons instrumentos de medida (KEYES, et.al., 2002). Em 1989, Ryff enfrentou a dificuldade de lidar com esse construto, realizou uma grande investigação sobre seu conteúdo e, como resultado, propôs uma escala com 54 itens que refletem seis dimensões fatoriais. Essas dimensões (autonomia, crescimento pessoal, auto-aceitação, relações positivas com os outros, sentido na vida e domínio sobre o ambiente) e mais o conceito de geratividade cunhado por Erikson (1950) e operacionalizado por McAdams e St. Aubin (1992) originaram um dos instrumentos utilizados neste estudo.

O construto de inteligência emocional para MAYER e SALOVEY (1997), é centrado na capacidade de reconhecer informação emocional proveniente do próprio comportamento e do comportamento de outrem, e de desenvolver raciocínio abstrato usando essas informações. É a capacidade de perceber, avaliar e expressar emoções; de avaliar ou gerar sentimentos que facilitam o pensamento; de compreender emoções e conhecimento emocional, e de regular emoções para promover crescimento intelectual e emocional (apud CARUSO, et al., 2002).

Neste estudo, inteligência emocional foi operacionalizada pelo instrumento Medida de Inteligência Emocional (SIQUEIRA, BARBOSA E ALVES, 1999) composto por cinco dimensões fatoriais (autoconsciência, automotivação, autovalorização, sociabilidade e

empatia) que refletem a junção do modelo de SALOVEYe MAYER (1990), MAYER e SALOVEY (1997) e dos conceitos correlatos da proposta de GOLEMAN (1995).

Com relação à busca de independência ou de relação entre os dois instrumentos, este estudo mostrou que eles são em parte dependentes, evidenciando por um lado que, em termos metodológicos, são necessários novos estudos psicométricos para melhor diferenciá-los. Já pelo ângulo comportamental, os dados sugerem que os processos envolvidos em ambas as formas de funcionamento são relacionados.

Acompanhando a opinião de McCrae e de Mayer, Salovey e Caruso, propõem - se que seria interessante realizar mais estudos psicométricos, primeiro melhorando a validade da escala de bem-estar psicológico e, depois, comparando o MIE e a própria EDEP com medidas padronizadas de personalidade e de bem-estar psicológico. Também seria interessante realizar medidas comportamentais de desempenho na vida prática para ambas as medidas e buscar relações entre elas. Finalmente, seria relevante investir na avaliação do grau de validade preditiva dos mesmos instrumentos.

Este foi um estudo que, embora complexo em termos de objetivos e análises envolvidos, tem um caráter preliminar, uma vez que se trabalhou com amostra não causalizada e que não se havia estabelecido prévia e completamente a validade da EDEP. Novos estudos deverão ser realizados para suprir essas lacunas.

Os esforços deste trabalho e as conclusões que permitiu exemplificam o caráter acumulativo da pesquisa. Notar seus limites demonstra preocupação com a parcimônia, que deve nortear todo trabalho científico. Dar a ele publicidade significa permitir a crítica pelos iguais e a realização de novas investigações que irão refiná-lo ou contestá-lo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA,L. Inteligência: evolução no seu estudo. **Jornal de Psicologia,** vol. 5 (3), pp. 15-17, 1986.

ALMEIDA, L.;ROAZZI, A.; SPINILLO, A. O estudo da inteligência humana: divergências, convergências e limitações dos modelos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, 5, 217-230,1989.

BALTES,P.B.; SMITH,J.; STAUDINGER, U. M. Wisdom and successful aging. In: SON DEREGGER, T.B. **Psychology and aging.** Lincoln, NE: University of Nebraska Press, 1992.

BALTES,P.B.; MAYER, K.U. (eds). **The Berlin Aging Study. Aging from 70 to 100.** New York, Cambridge University Press, 1999.

BARBOSA, N. C. **Inteligência Emocional : construção de uma medida para identificação de sentimentos.** Dissertação (Mestrado em Psicologia e Fonoaudiologia). Pontifícia Universidade Católica, Campinas, SP, 2000.

BAR-ON, R. Inteligência Social e Emocional: insights do Emotional Quotient Inventory. In: BAR-ON, R.; PARKER, J.D.A. **Manual de Inteligência Emocional: teoria, desenvolvimento, avaliação e aplicação em casa, na escola e no local de trabalho.** Porto Alegre: Artmed, 2002.

CACHIONI, M. **Formação profissional, motivos e crenças relativas à velhice e ao desenvolvimento pessoal entre professores de Universidade da Terceira idade.** Tese de Doutorado. Programa pós- graduação em Gerontologia. Faculdade de Educação da UNICAMP, Campinas, 2002.

CARUSO, D.R.; MAYER,J.D.; SALOVEY, P. Relation of na ability measure of Emotional Intelligence to personality. **Journal of Personality Assessment,** 79(2):306-320, 2002.

CONOVER, W. J.**Practical Nonparametric Statistics**. New York: John Wiley & Sons, 1971

CORNELIUS, S. W.; CASPI, A. Everyday problem solving in adulthood and old age. **Psychology and Aging,** 2,144-153, 1987.

CRONBACH, L. J.Coefficient alpha and the internal structure of tests. **Psychometrika,** 16: 297-334, 1951.

DIENER, E. Subjective Well - being. **Psychological Bulletin**,vol.95(3): 542-575, 1984.

DIENER, E. ; SUH, M. Subjective well – being and age: an international analysis. In: SCHAINE, K.W. ; LAWTON, M.P. **Annual Review of gerontology and geratrics.** Focus on emotion in adult development, v.17, 1997.

DIÓRIO,S. **Competência emocional de gestores.** Dissertação de Mestrado em Administração. Faculdade de Ciência Administrativas. Universidade Metodista de São Paulo, UMESP, 2001.

ERIKSON, E.H. **O ciclo de vida completo.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

_____. **Childhood and Society.** New York: Norton, 2ª ed.,1963.

FEATHAERMAN, D.L.; SMITH,; PETERSON, J.G. Successful aging in a post-retired society. In: BALTES, P.B.; BALTES, M.M. (eds.). **Successful Aging: perpectives from the behavioral sciences.** Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

FISHER, B.J.; DAY, M.;COLLIER, C. F. Successful aging: volunteerism and generativity in later life. In: REDBURN, D.E.; McNAMARA, R.P. **Social Gerontology.** Westport, Auburn house, p. 43-54, 1998.

FLEISS, J. L.**Statistical Methods for Rates and Proportions**. New York: John Wiley & Sons, 2ed, 1981.

FREIRE,S.A. Envelhecimento bem-sucedido e bem-estar psicológico. In: NERI,A.L.; FREIRE, S.A. (orgs). **E por falar em boa velhice.** Campinas, (SP): Papirus, 2000.

FREIRE, S.A. **Bem-estar subjetivo e metas de vida: um estudo transversal com homens e mulheres pertencentes a três faixas de idade.** Tese de Doutorado. Faculdade de Educação da UNICAMP, Campinas, 2001.

GARDNER. H**. Estruturas da mente : a teoria das Inteligências Múltiplas.** Porto Alegre : Artes Médicas Sul, 1994.

GOLEMAN, D. **Inteligência emocional.** Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

GOLEMAN, D. **Trabalhando com inteligência Emocional.** Rio de Janeiro: Objetiva, 1999 .

HEDLUND, J.; STERNBERG, R. J. Inteligências em Excesso? Integrando as inteligências social, emocional e prática.In: BAR-ON, R.; PARKER, J.D.A. **Manual de Inteligência Emocional: teoria, desenvolvimento, avaliação e aplicação em casa, na escola e no local de trabalho.** Porto Alegre: Artmed, 2002.

HORN, J.L.; CATTEL, R.B. Refinement and test of theory of fluid in crystallized intelligence.**Journal of Educational Psychology,** 57: 253-270, 1966.

JOHNSON, R. A.; WICHERN, D. W. (1988), **Applied Multivariate Statistical Analysis**. New Jersey: Prentice Hall International Editions, 2ed., 1988.

KEYES, C. L. M.; SHMOTKIN, D.; RYFF, C. D. Optimizing Well - being: The empirical encounter of two traditions. **Journal of Personality and Social Psychology,** 82 (6) :1007-1022, 2002.

MAYER, J.D;CARUSO, D.R. e SALOVEY, P. Selecionando uma medida para inteligência emocional: em defesa das escalas de aptidão. In: BAR-ON, R.; PARKER, J.D.A. **Manual de Inteligência Emocional: teoria, desenvolvimento, avaliação e aplicação em casa, na escola e no local de trabalho.** Porto Alegre: Artmed, 2002.

MAYER, J.D;CARUSO, D.R. e SALOVEY, P. Emotional Intelligence meets traditional standards for and intelligence, **Intelligence,** 27 (4):267, 1999.

MAYER, J.D. & SALOVEY, P. What is emotional intelligence? In: SALOVEY, P. & SLUYTER,D.J. **Emotional development and emotional intelligence; educational implications.** New York: Basic Books, 1997.

McADAMS, D. P. ; ST AUBIN, E. A theory of generativity and its assessment throught self-report, behavioral acts, and narrative themes in autobiography. **Journal of Personality and Social Psychology,** 62: 1003-1015, 1992.

McADAMS, D.P.; HART, H.M.; MARUNA,S. The anatomy of Generativity. In: MACADAMS, D.P.; HART, H.M.;MARUNA,S.(eds) **Generativity and Adult Development – How and why we care for the nest generation.** Washington, DC: Americam Psychological association, 1998.

McCRAE, R.R. A inteligência emocional segundo a perspectiva do modelo da personalidade dos cinco fatores. In: BAR-ON, R.; PARKER, J.D.A. **Manual de Inteligência Emocional: teoria, desenvolvimento, avaliação e aplicação em casa, na escola e no local de trabalho.** Porto Alegre: Artmed, 2002.

MONTGOMERY, D. C.**Design and Analysis of Experiments**. New York: John Wiley & Sons, 3ªed. 1991.

NERI, A.L. EDEP – **Escala de Desenvolvimento Pessoal**. Trabalho não publicado.1998.

NERI, A. L.**Fundamentos para uma Escala de Geratividade**. Trabalho não publicado,1999.

_____. NERI, A. L. Qualidade de vida no adulto maduro: interpretações teóricas e evidências de pesquisa. In: NERI, A. L. (org.). **Qualidade de vida e idade madura**. Campinas, SP: Papirus, 3ªed, 2000.

_____. **Palavras chave em Gerontologia.** Campinas (SP): Alínea, 2001.

_____. O curso de desenvolvimento intelectual na vida adulta e na velhice. In: FREITAS, E.V.; PY,L.;NERI, A. L.; CANÇADO, F.A.X.; GORZONI, M.L. e ROCHA, S.M. **Tratado de Geriatria e Gerontologia.** Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan, 2002.

PEREIRA, J. C. R. **Análise de Dados Qualitativos – Estratégias Metodológicas para as Ciências da Saúde, Humanas e Sociais**. São Paulo: EDUSP,1999.

PHILLIPS,L.H.; MacLEAN, D.J. e ALLEN,R. Age and the Understanding of Emotions: neuropsychological and sociocognitive perpectivies. **Journal of Gerontology.** Series B – Psychological Sciences and Social Sciences, 57: 526-530,2002.

PIAGET,J. **Psicologia da Inteligência.** Rio de Janeiro: Zahar, 1977

RESENDE, M. C. **Atitudes em relação ao idoso, à velhice pessoal e ao portador de deficiência física em adultos portadores de deficiência física.** Dissertação de Mestrado em Gerontologia, Faculdade de Educação da UNICAMP, Campinas, 2001.

ROWE, J. W.; KAHN,R.L. **Successful aging.** New York: Pantheon, 1998.

RYFF, C. D. Successful Aging: A developmental approach. In: **The Gerontologist**, 22(2): 209-214,1982.

RYFF, C. D. Beyond Ponce de Leon and life satisfaction : new directions in quest of Successful aging .International. In: **Journal of Behavioral Development**, 12 (1):35 – 55, 1989 (a).

RYFF, C. D. Happiness is everything, or is it ? Explorations on the meaning of psychological well being**. Journal of Personality and social Psychology**, 57 (6):1069-1081, 1989 (b).

RYFF, C. D. ; ESSEX, M. Psychological Well - being in adulthood and old age : descriptve markers and explanatory processes. In : **Annual Review of Gerontology in Geriatrics,** 11:144-171,1991.

RYFF, C.D. Psychological well being in adult life. In : **Current Directions in Psychological Science**, 4 (4):99-104, 1995.

RYFF, C. D. ; KEYES, C. L. M. The Structure of Psychological Well - Being Revisied.In: **Journal of Personality and Social Psychology**,69 (4): 719-727,1995.

RYFF,C.D.; SINGER,B.H. **Emotion, Social relationsships and health.** New York, Oxford University Press, 2001.

SAARNI, C. Competência emocional: uma perspectiva evolutiva. In: : BAR-ON, R.; PARKER, J.D.A. **Manual de Inteligência Emocional: teoria, desenvolvimento, avaliação e aplicação em casa, na escola e no local de trabalho.** Porto Alegre: Artmed, 2002.

SALOVEY, P. ; MAYER, J. D. Emotional Intelligence. **Imagination, Cognition and Personality,** 9(3): 185-211, 1990

SCHAIE, K. W. **Intellectual development in adulthood . The Seattle Longitudinal Study.**Cambridge: Cambridge Press, 1996.

SIMÕES, M. R . ; GONÇALVES, M. M. ; ALMEIDA, L. S. **Testes e Provas Psicológicas em Portugal.** Braga : APPORT / SHO, vol.2, 1999.

SIQUEIRA, M . M. M.; GOMIDE Jr., S.; FREIRE, S.A. **Construção e validação de uma Escala de Otimismo (EOT).** Relatório técnico. Universidade Federal de Uberlândia, 1996.

SIQUEIRA, M . M. M.; MARTINS, M.C.F. ; MOURA, O. I. Construção e validação fatorial da EAPN: Escala de Ânimo Positivo e Negativo. **Revista da Sociedade de Psicologia do Triângulo Mineiro,** .2 (3): 34-40, 1999.

SIQUEIRA, M . M. M. ; BARBOSA, N .C. ; ALVES, M. T. Construção e validação fatorial de uma medida de inteligência emocional. **Revista Teoria e pesquisa**, pp.. 143-152, 1999.

SIQUEIRA,M.M.M.; BARBOSA, N.C. **Relações entre inteligência emocional, Estado de ânimo e Otimismo.** Artigo no prelo, 2001.

SIQUEIRA, M . M. M.; BARBOSA, N.C. **Inteligência emocional e personalidade: Investigando a independência das dimensões de suas medidas.** Artigo no prelo, 2001.

STAUDINGER, U. M.; MARSISKE, M. e BALTES,P.B. Resiliência e níveis de capacidade de reserva na velhice: perspectivas da teoria de curso de vida. In: NERI, A. L. Psicologia do envelhecimento: temas selecionados na perspectivas de curso de vida. Campinas (SP):Papirus, 1995.

STERNBERG,R.J. **As capacidades intelectuais humanas: uma abordagem em processamento de informação.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

STERNBERG,R.J. **Psicologia Cognitiva.** Porto Alegre: Artes médicas sul, 2000.

STERNBERG,R.J.; GRIGORENKO, E.L. A inteligência prática e o seu desenvolvimento. In: BAR-ON, R.; PARKER, J.D.A. **Manual de Inteligência Emocional: teoria, desenvolvimento, avaliação e aplicação em casa, na escola e no local de trabalho.** Porto Alegre: Artmed, 2002.

ANEXOS

ANEXO A

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Ficha sócio - demográfica

Este instrumento de pesquisa contém 12 itens. Pedimos que leia e responda um de cada vez, sem pular nenhuma questão.

Daremos as instruções para responder cada parte. Se tiver alguma dúvida durante o preenchimento, levante a mão que iremos ao seu lugar para ajudar.

Obrigado!

1. Data de Nascimento: ____/____/____

2. Sexo: ( ) Masculino ( ) Feminino

3. Onde nasceu?

   Cidade: _____ Estado:_____ País: _____

4. Estado Civil:

   ( ) casado
   ( ) viúvo
   ( ) separado
   ( ) solteiro
   ( ) divorciado

5. Se é viúvo(a), separado(a), divorciado (a) ou solteiro(a), vive com um companheiro(a) ?

   ( ) Sim ( ) Não

6. Freqüentou escola?

( ) Sim, por _____ ano(s) ( ) Não

7. Profissão: _____ (favor completar)

8. Trabalha?

( ) Sim. Em que? _____

( ) Não

9. É o principal responsável pelo sustento da família?

( ) Sim ( ) Não

10. Tem filhos?

( ) Sim. Quantos? _____ (favor completar)

( ) Não

11. Com quem mora?

( ) sozinho(a)
( ) com o cônjuge
( ) com o cônjuge e filhos
( ) com a família de um filho
( ) pais
( ) filhos
( ) outro(s): _____ (favor completar)

12. Tem algum problema de saúde?

( )Sim. Qual? _____

( ) Não

ANEXO B

ESCALA DE DESENVOLVIMENTO PESSOAL (EDEP)

Para cada afirmação, escolha o número que melhor representa o seu modo de pensar sobre si mesmo e faça um X em cima do número no quadrinho correspondente. Assim: 1=representa pouquíssimo; **2** =representa pouco; **3** = representa mais ou menos; **4** = representa muito e **5** = representa muitíssimo.

	Dimensão	1 Pouquíssimo	2 Pouco	3 Mais ou menos	4 Muito	5 Muitíssimo
1. Eu tenho coragem de dar minhas opiniões, mesmo que elas sejam contrárias às dos outros.	**Autonomia**	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
2. Eu me sinto dono (a) da minha própria vida.	**Domínio do Ambiente**	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
3. Eu consigo enfrentar com vigor e coragem os problemas do dia - a - dia.	**Domínio do Ambiente**	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
4. Eu acho importante ter novas experiências porque elas me fazem pensar sobre mim mesmo e me ajudam a compreender melhor os fatos da vida.	**Crescimento pessoal**	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
5. À medida que o tempo passa eu acho que estou cada vez melhor como pessoa	**Crescimento pessoal**	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
6. Os outros me descrevem como uma pessoa generosa, pronta a compartilhar suas experiências.	**Relações positivas com os outros**	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
7. Quando eu olho para traz e avalio a minha vida eu fico feliz em perceber que tudo deu certo.	**Aceitação pessoal**	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
8. Eu gosto de vários aspectos da minha personalidade.	**Aceitação pessoal**	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
9. Eu decido por mim mesmo e por aquilo que acho certo, e não pelas opiniões dos outros.	**Autonomia**	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
10. Eu consigo dar conta de várias responsabilidades da minha vida cotidiana.	**Domínio do Ambiente**	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
11. Eu sinto que a minha vida tem sido um contínuo processo de mudança, aprendizagem e crescimento.	**Crescimento pessoal**	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
12. Eu tenho vários motivos para me sentir satisfeito (a) com minhas realizações na vida.	**Aceitação pessoal**	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**

	Dimensão	1 Pouquíssimo	2 Pouco	3 Mais ou menos	4 Muito	5 Muitíssimo
13. Eu vivo no presente, ou seja, não fico pensando muito no futuro.	**Propósito de vida**	1	2	3	4	5
14. É fácil e prazeroso para mim manter relações de proximidade afetiva.	**Relações positivas com os outros**	1	2	3	4	5
15. Eu tenho tendência a ser influenciado (a) por pessoas que tem opiniões fortes.	**Autonomia**	1	2	3	4	5
16. Eu sei que posso confiar em meus amigos e meus amigos sabem que podem confiar em mim.	**Relações positivas com os outros**	1	2	3	4	5
17.Eu sou uma pessoa que caminha com confiança pela vida.	**Propósito de vida**	1	2	3	4	5
18. Eu acho que ainda tenho muitas coisas a fazer na vida.	**Propósito de vida**	1	2	3	4	5
19. Os outros dizem que eu sou uma pessoa muito produtiva.	**Criar**	1	2	3	4	5
20.Eu sinto que tenho obrigação de passar adiante a minha experiência e os meus conhecimentos.	**Oferecer**	1	2	3	4	5
21. Eu sinto que tenho deixado a minha marca na vida de várias pessoas.	**Oferecer**	1	2	3	4	5
22. Eu acho que a sociedade é responsável pelo destino das pessoas carentes.	**Manter**	1	2	3	4	5
23. Eu penso que as pessoas que se preocupam com a salvação de espécies em extinção ou com a preservação de documentos e prédios antigos dedicam-se a essas atividades por que não têm nada mais importante a fazer da vida.	**Manter**	1	2	3	4	5
24. Eu acho que sou necessário (a) na vida de várias pessoas.	**Manter**	1	2	3	4	5
25. Eu acho que quando eu for velho eu vou me recolher à vida privada, pois não terei mais compromisso de produzir para a sociedade.	**Oferecer**	1	2	3	4	5
26. Muita gente me procura para pedir orientação e conselhos.	**Oferecer**	1	2	3	4	5
27. As pessoas dizem que eu tenho feito contribuições criativas à sociedade.	**Criar**	1	2	3	4	5
28. Eu prefiro não me envolver com novos projetos e idéias.	**Criar**	1	2	3	4	5
29. Depois que eu morrer eu gostaria de ser lembrado pelas minhas ações e contribuições à sociedade.	**Oferecer**	1	2	3	4	5
30. Eu acho que ensinar é uma das coisas mais lindas que existem.	**Oferecer**	1	2	3	4	5

ANEXO C

ESCALA MEDIDA DE INTELIGÊNCIA EMOCIONAL (MIE).

Indique a freqüência com que você apresenta, atualmente, os comportamentos descritos abaixo. Dê suas respostas marcando um X em cada quadrinho correspondente a frase. Marque um X na que melhor representa sua resposta, usando :

1 = NUNCA 2 = POUCAS VEZES 3 = MUITAS VEZES 4= SEMPRE

		DIMENSÕES	NUNCA	POUCAS VEZES	MUITAS VEZES	SEMPRE
01	Ajo com otimismo em relação aos meus projetos.	Automotivação				
02	Aumento o número de pessoas do meu ciclo de amizades.	Sociabilidade				
03	Avalio meus sentimentos para compreender o que estou sentindo.	Automotivação				
04	Consigo animar qualquer ambiente.	Sociabilidade				
05	Consigo nomear os sentimentos das pessoas mais próximas.	Empatia				
06	Reconheço em mim sentimentos de alegria e tristeza.	Autoconsciência				
07	Conto até dez antes de responder a um desaforo.	Autocontrole				
08	Converso animadamente com um desconhecido.	Sociabilidade				
09	Identifico os interesses das pessoas com quem convivo.	Empatia				
10	Deixo as pessoas à vontade perto de mim.	Sociabilidade				
11	Deixo de realizar projetos importantes para a minha vida.	Automotivação				
12	Descubro as intenções de uma pessoa pela forma como ela age.	Empatia				
13	Devolvo na mesma moeda um insulto que recebi.	Autocontrole				
14	Dirijo meus sentimentos para agir com sabedoria.	Automotivação				
15	Controlo os sentimentos que me perturbam.	Autocontrole				
16	Duvido da realização das minhas metas futuras.	Automotivação				
17	Consigo nomear os sentimentos que marcaram a minha vida.	Autoconsciência				
18	Elaboro com entusiasmo um projeto pessoal.	Automotivação				
19	Encontro alguém conhecido na maioria dos lugares aonde vou.	Sociabilidade				
20	Alcanço os objetivos que estipulo para a minha vida.	Automotivação				
21	Enfrento qualquer obstáculo para conseguir o que quero na vida.	Automotivação				
22	Entendo o que uma pessoa está querendo mesmo que ela não fale.	Empatia				
23	Evito analisar o que estou sentindo.	Autoconsciência				
24	Faço com que as pessoas se sintam bem ao meu lado.	Sociabilidade				
25	Persisto em meus objetivos mesmo diante de fortes obstáculos.	Automotivação				

		DIMENSÕES	NUNCA	POUCAS VEZES	MUITAS VEZES	SEMPRE
26	Falo comigo mesmo sobre os meus sentimentos.	Autoconsciência				
27	Reconheço quando uma pessoa está com problemas.	Empatia				
28	Falo o que me vem à cabeça.	Autocontrole				
29	Fico à vontade entre pessoas recém conhecidas.	Sociabilidade				
30	Fixo minha atenção nos planos que selecionei para a minha vida.	Automotivação				
31	Identifico com facilidade os sentimentos das pessoas.	Empatia				
32	Freio os meus impulsos em uma situação de conflito.	Autocontrole				
33	Identifico as intenções de uma pessoa logo que ela começa a falar.	Empatia				
34	Identifico todos os meus sentimentos.	Autoconsciência				
35	Oriento minhas ações no presente pelos planos que fiz para o futuro.	Automotivação				
36	Planejo situações para a concretização de meus objetivos.	Automotivação				
37	Prefiro ter poucos amigos.	Sociabilidade				
38	Identifico quando alguém que conheço está com problemas.	Empatia				
39	Prefiro trabalhar sozinho.	Sociabilidade				
40	Preocupo-me com o que estou sentindo.	Autoconsciência				
41	Sei quando um amigo precisa da minha ajuda.	Empatia				
42	Procuro reagir com cautela diante de provocações.	Autocontrole				
43	Reajo imediatamente a uma agressão.	Autocontrole				
44	Reconheço como um amigo se sente através de seus gestos não verbais.	Empatia				
45	Reconheço meus sentimentos com grande facilidade.	Autoconsciência				
46	Prefiro ficar calado a conversar com pessoas desconhecidas.	Sociabilidade				
47	Reconheço meus sentimentos contraditórios.	Autoconsciência				
48	Procuro pensar antes de responder a algo que me desagradou.	Autocontrole				
49	Reconheço os sentimentos de uma pessoa através do modo como ela fala.	Empatia				
50	Evito refletir sobre o que estou pensando.	Autoconsciência				
51	Relaciono-me bem com qualquer pessoa.	Sociabilidade				
52	Sei quando uma pessoa está com problemas mesmo que ela não fale.	Empatia				
53	Tenho entusiasmo com a minha vida.	Automotivação				
54	Descubro com facilidade o que um amigo está sentindo.	Empatia				
55	Tenho na ponta da língua uma resposta para um insulto.	Autocontrole				
56	Tenho muitos amigos.	Sociabilidade				
57	Tomo decisões com base em meus impulsos.	Autocontrole				
58	Trato alguém que acabei de conhecer como se fôssemos velhos amigos.	Sociabilidade				
59	Reconheço quando uma pessoa está bem ou não pelo seu tom de voz.	Empatia				